

**FACULDADE NOVOS HORIZONTES**

Programa de Pós-graduação em Administração  
Mestrado

**INFLUÊNCIAS CULTURAIS BRASILEIRAS EM ESTUDANTES  
ANGOLANOS RESIDENTES EM BH – MINAS GERAIS**

Eurico Josué Ngunga

**Belo Horizonte  
2009**

Eurico Josué Ngunga

**INFLUÊNCIAS CULTURAIS BRASILEIRAS EM ESTUDANTES  
ANGOLANOS RESIDENTES EM BH – MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação do Curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Coutinho Garcia

Linha de pesquisa: Relações de Poder e Dinâmica das Organizações

Área de concentração: Organização e Estratégia

Belo Horizonte  
2009

Ao meu pai, Frederico Ngunga, homem de grande fibra. Aquele que, com seu nobre sangue de guerreiro angolano, fez de mim um homem corajoso incondicional!

À minha graciosa mãe, Filomena Nanguevela... aquela que, do seu virtuoso ventre, rogou a benção para a minha grata existência!

Aos meus irmãos e parentes no Brasil e Angola, a riqueza imensurável!

Em fim, ao Isaque... a continuidade!

Muito obrigado!!!

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, ao Prof. Dr. Fernando Coutinho Garcia, pela excelsa sabedoria que lhe é peculiar; Pela garra e determinação corajosa de me orientar neste tema de grande importância para a minha vida e para o povo angolano; Pela destreza catedrática de mostrar-me os caminhos da produção científica e as ricas referências bibliográficas das quais me alimentei durante as suas aulas e ao longo da elaboração deste trabalho. À ti a honra pela paixão pelo saber e o amor incondicional que nutres pelas pessoas que sonham em se libertar de memórias que jazem no obscurantismo. Muito obrigado!

Ao Prof. Dr. Alfredo Melo, pelo humanismo angelical que brota de sua alma, sem pestanejar migalhas, nem medir esforços quando tem de socorrer. Pela postura verdadeira de empreendedor do conhecimento transformador. Pela destreza mirabolante de encarar desafios educacionais transculturais como forma de contribuir para o fim da miséria que assola a maior parte do planeta. Pela postura imagética incentivadora de nunca naufragar enquanto se respira. À ti a honra pela causa que abraças na Faculdade Novos Horizontes e além-mar. Dádiva celestial, providencial. Muito obrigado!

À Profa. Dra. Marlene Catarina, pelo amor abnegado à missão de ensinar e transformar mentes comuns em mentes cintilantes. Pelo apoio disciplinador nos momentos de grande tensão acadêmica. Muito obrigado!

Aos excelentes professores do mestrado acadêmico em administração da Faculdade Novos Horizontes, homens de imensa capacidade acadêmica e imensurável conhecimento técnico-científico. Pela vontade de ensinar e fazer de mim um pensador organizado. Muito obrigado!

Aos colegas do mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, sujeitos importantes no caminhar deste processo valioso para a minha vida.

Ao Prof. Dr. Bruno Wanderley, pela disponibilidade de participar da banca de defesa da dissertação e pelas sábias e valiosas contribuições para o trabalho. Muito obrigado!

À Profa. Dra. Adriana Vieira e Marília Machado, pelas sábias e valorosas contribuições na banca de qualificação. Muito obrigado!

*Sinto-me satisfeito por ter alguma educação: é como se tivesse uma grande janela aberta*  
Mary Webb

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo perceber e identificar a influência dos traços culturais brasileiros nos estudantes angolanos residentes em Belo Horizonte. Tal intenção se deu pelo fato de constatar-se uma diferença nas práticas de gestão dos angolanos que têm uma experiência formativa no Brasil. Isto é, levam consigo traços bastante singulares que, por vezes, são considerados brasileiros, por vezes, angolanos ou até mesmo híbridos. Partindo do entendimento de cultura nacional e de cultura organizacional, este trabalho tem como base os traços culturais organizacionais brasileiros – **hierarquia, personalismo, malandragem, sensualismo e aventureiro** – elencados por Alexandre Borges de Freitas. A pesquisa realizada se insere numa abordagem qualitativa e, na sua materialização, procura fazer um estudo multicaso com quatro estudantes angolanos residentes em Belo Horizonte, durante o seu período formativo nas IES. Constatou-se que, apesar da aproximação cultural em alguns aspectos e de terem a mesma herança colonial dos brasileiros, os angolanos expatriados passam por situações diversas que os põe à mercê de uma assimilação necessária para a sua sobrevivência no Brasil. O resultado a que chegamos foi bastante interessante, pois, igualmente ao que foi constatado em outras pesquisas do gênero, os angolanos que se formam ou têm uma experiência com o Brasil, ao retornarem ao país, são mais maleáveis e adquirem uma postura de gestão mais criativa, uma inteligência emocional mais apurada e um perfil multicultural enriquecido.

**Palavras-chave:** Cultura Brasileira. Estudantes Angolanos. Traços Culturais Brasileiros. Cultura Organizacional.

## ABSTRACT

The main purpose of this research is to analyze and identify the influence of the Brazilians culture traces at the Angolan students resident in Belo Horizonte. Such intention felt for the fact of verifying a difference in the practices of administration of the Angolan ones that have a formative experience in Brazil. Departing from their lives in Angola, they take with itself quite singular traces that, some times, they are considered Brazilian, some times, Angolan or even hybrid. Departing from the perception of national culture and organizational culture, this dissertation is based on the organizational Brazilians culture traces – **Hierarquia, Personalismo, Malandragem, Sensualismo and Aventureiro** – built by Alexandre Borges de Freitas. Searching the cultural influences, this text was built in a qualitative Approach along four Angolan students living in Belo Horizonte city. Beside having The same colonial heritage, the Angolans expatriating experience different situations as cultural assimilation required for their survival in Brazil. As result, when they return to their country, Angolan students become more attractive. And also they acquire more excellent creative managing and emotional intelligence and a great multicultural configuration.

**Keywords:** Brazilian culture. Angolan students. Brazilian cultural traces. Organizational culture.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Mapa de Angola – Província de Cabinda em verde-claro .....	20
Figura 2 – Quadro Sociocultural da Ação Humana .....	48

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Sujeitos da Pesquisa .....	41
---------------------------------------	----

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Traços brasileiros e características-chaves.....	28
---	----



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Problema .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Objetivos .....</b>	<b>12</b>
1.2.1 Objetivo geral .....	12
1.2.2 Objetivos específicos.....	12
<b>1.3 Justificativa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.4 Contextualização .....</b>	<b>14</b>
1.4.1 Traços culturais da sociedade Angolana.....	14
1.4.2 A cultura tradicional de Angola e suas realidades.....	14
1.4.3 A independência de Angola e sua posição no contexto africano .....	17
1.4.4 A guerra civil Angolana.....	20
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Traços culturais brasileiros.....</b>	<b>27</b>
2.1.1 Hierarquia .....	28
2.1.2 Personalismo.....	30
2.1.3 Malandragem .....	32
2.1.4 Sensualismo.....	34
2.1.5 Aventureiro .....	35
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Caracterização da pesquisa .....</b>	<b>37</b>
3.1.1 Quanto aos fins .....	37
3.1.2 Quanto aos meios .....	38
<b>3.2 Técnicas de coletas de dados.....</b>	<b>39</b>
3.2.1 Entrevista em profundidade.....	39
<b>3.3 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>41</b>
<b>3.4 Técnicas de análise dos dados – Análise de conteúdo .....</b>	<b>42</b>

<b>4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>44</b>
<b>4.1 Dados pessoais e de contexto</b> .....	<b>44</b>
4.1.2 As experiências existenciais de ser estrangeiro .....	46
<b>4.2 Traços culturais</b> .....	<b>51</b>
4.2.1 A Hierarquia .....	51
4.2.2 Personalismo nas instituições sociais .....	54
4.2.3 Malandragem e o “Jeitinho” .....	57
4.2.4 A percepção da malandragem como valor social.....	60
4.2.5 Sensualismo e a ordem social.....	65
4.2.6 Aventureiro e a Práxis do sonhador .....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>78</b>
<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>82</b>
Roteiro de entrevista com os estudantes Angolanos em BH .....	82

# 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem sua origem em constatações feitas em relação aos angolanos repatriados a Angola, tanto no campo educacional quanto no social, após um tempo de permanência no Brasil. Percebe-se que essas pessoas tendem a carregar e manter em suas ações quotidianas algumas práticas que não se podem registrar como sendo brasileiras ou angolanas, mas, sim, como uma mistura de traços de ambas as culturas no que tange à assimilação educacional, ao planejamento empresarial, até mesmo à indumentária, aos hábitos costumeiros, às maneiras de proceder nas relações interpessoais, à religião, etc.

Foi, portanto, uma reflexão sobre essa situação que impulsionou o desenvolvimento deste estudo no intuito de verificar a presença de traços culturais brasileiros nessas pessoas que vivenciam uma experiência formativa e cultural no Brasil.

O que se pretende saber é, analiticamente, examinar e explorar alguns aspectos da sociedade brasileira no que concerne aos usos e costumes nomeadamente nas artes, na política e no campo organizacional como forma de perceber e entender as idiossincrasias do bojo cultural brasileiro. Tais idiossincrasias, de acordo com o que se lê na literatura científica organizacional, são a materialização imagética da cara do Brasil internacionalizado. Isto é, o Brasil apresenta uma imagem bastante interessante e singular no tocante aos modos de gestão organizacional.

Nas mais diversas manifestações culturais que caracterizam as idiossincrasias do Brasil, os que vêm para cá, especialmente, os angolanos, aos quais esse estudo se aplica, se deparam com essas particularidades brasileiras.

## 1.1 Problema

De que modo os traços culturais da sociedade brasileira são absorvidos pelos estudantes universitários angolanos residentes em Belo Horizonte?

## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivo geral

Descrever e analisar a influência dos traços culturais brasileiros em estudantes universitários angolanos residentes em Belo Horizonte-MG.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever os traços culturais, comuns aos dois países, com os quais os estudantes universitários angolanos residentes em Belo Horizonte, se identificam.
- b) Descrever a equivalência entre as duas culturas do ponto de vista dos traços culturais brasileiros.
- c) Verificar a influência dos traços culturais brasileiros nos estudantes universitários angolanos residentes em Belo Horizonte, especificamente ***Hierarquias, Personalismo, Paternalismo, Malandragem, Sensualismo e Aventureiro.***

## 1.3 Justificativa

O estudo que se pretende desenvolver aqui é uma pequena amostra dessa consciência globalizante das transformações a que estamos sujeitos, uma vez que procuraremos verificar os impactos dos traços culturais brasileiros nos cidadãos angolanos.

É, portanto, nesse ponto que reside uma das justificativas para essa pesquisa, pois, ao investigarmos o impacto cultural brasileiro nas práticas desses sujeitos angolanos com vivências no Brasil, estaremos, concomitantemente, sistematizando a dinâmica das interações no âmbito organizacional. Estaremos com isso destacando também como se dão as práticas interacionais desses sujeitos nos seus respectivos locais de formação.

É assim possível perceber que aqueles que migram de Angola para Brasil o fazem em busca de melhores condições de vida, em especial de uma formação universitária que lhes proporcione o acesso a condições econômicas mais favoráveis. Um levantamento feito pelo consulado angolano no Rio de Janeiro, na década de 90, indica que foi a partir de 1975, data que coincide com a proclamação da Independência de Angola, que o governo brasileiro, junto às Universidades Federais, começou a receber angolanos para estudar em instituições de Ensino Superior em nível de Graduação, nos primeiros anos, e na Pós-graduação, recentemente.

Por meio desta pesquisa, pretendemos verificar se a condição de estrangeiro desses angolanos acompanha-os ao longo de sua estadia, e se isso os mantém em uma espécie de “território fronteiro” entre suas culturas de origem e a dos brasileiros. Ou seja, carregam características culturais de suas origens. Mas, incorporam, ao mesmo tempo, novas práticas/attitudes conjugadas às situações inerentes ao espaço e ao tempo específicos. Isso do ponto de vista da assimilação, da indumentária, da língua portuguesa, das práticas culturais e religiosas relativas à dinâmica do cotidiano institucional, no que tange às formas de socialização dos saberes; à relação com outros agentes integrantes da sociedade brasileira resultante das inevitáveis interações produzidas no dia-a-dia. Em fim, aos traços culturais brasileiros com que esses sujeitos se deparam durante a sua estada em Belo Horizonte.

O estudo estará pautado, essencialmente, na análise de dois aspectos: as práticas culturais de estudantes universitários angolanos em Belo Horizonte e os traços culturais que esses sujeitos estabelecem no dia-a-dia de suas vidas em BH.

Para terminar, acrescentaria que a implementação dessa investigação para o próprio pesquisador, que é fruto destas políticas de intercâmbio entre o Brasil e Angola, tem um significado singular, pois lhe permitirá prosseguir com o estudo feito na pós-graduação *latu sensu* em Literatura, Mídia e Arte, quando se debruçou sobre as questões identitárias dos angolanos nos períodos de pró<sup>1</sup> e pós-independência.

## **1.4 Contextualização**

### **1.4.1 Traços culturais da sociedade Angolana**

De acordo com Francisco (2002, p. 44), “para se entender a sociedade angolana na atualidade, bem como a sua cultura, é fundamental que se conheça a história e o modo de vida original dos povos negro-africanos que habitavam o espaço que hoje constitui a República de Angola, antes da presença dos colonizadores”.

Ao se fazer uma busca analítica dos valores culturais que perfazem o conjunto da sociedade angolana, é necessário partir do princípio afirmado por Francisco:

É necessário um exame de alguns aspectos da cultura tradicional – entendida como aquela anterior à colonização portuguesa – e das transformações por que passou em decorrência da presença lusa. Parte-se do princípio de que todos os angolanos partilham os valores essenciais dessa cultura de base, embora em graus diferentes, em função do local em que vivem, tipo de educação familiar, escolar e social (FRANCISCO, 2002, p. 44).

### **1.4.2 A cultura tradicional de Angola e suas realidades**

Angola está situada na costa ocidental do Continente Africano, mais precisamente na parte austral da África, entre os paralelos 4 °22' e 24 °05'.

---

<sup>1</sup> O termo pró, em Angola equivale ao período da pré-independência quando os angolanos lutavam para pôr fim à colonização portuguesa

Angola faz fronteira terrestre com três países: a República Democrática do Congo com 2.291 km<sup>2</sup>, a Namíbia com 1.376 km<sup>2</sup> e a Zâmbia com 1110 km<sup>2</sup>. A província de Cabinda, que se encontra totalmente separada territorialmente de Angola e faz fronteira com as Repúblicas Democrática do Congo com 220 Km<sup>2</sup> e a República do Congo com 201Km<sup>2</sup>, também pertence ao território angolano.

Estima-se que Angola tenha hoje aproximadamente 17 milhões de habitantes, e sua divisão político-administrativa é formada por 163 municípios e 18 províncias.

No período pré-colonial, Angola era constituída por reinos organizados nos moldes africanos. Isto é, suas práticas organizacionais eram diferentes daquelas dos estados europeus, especialmente de Portugal.

Quando os primeiros europeus, comandados pelo português Diogo Cão, chegaram à África ocidental, em 1482, depararam-se com dois reinos bastante significativos no tocante à estrutura organizacional das sociedades africanas naquele momento.

Esses dois reinos eram denominados respectivamente Reino do Congo e Reino do Ndongo. E sobre essa organização os historiadores Del Priore e Venâncio, elucidam o seguinte:

Ao chegar aí, os portugueses encontraram uma organização estatal hierarquizada. É óbvio que organizada não nos moldes europeus, mas africanos. No Congo, como em toda a África, as fronteiras de um Estado não eram ditadas por limites físicos, mas por todo o conjunto de influências exercidas por famílias e clãs. O reino era, desta perspectiva, uma manta de retalhos, os sobados, constituídos por pequenos chefes, chamados pelos europeus sobas (DEL PRIORE e VENÂNCIO, 2004, p. 138).

Desses reinos, o que mais perdurou foi o Reino do Ndongo, cujo soberano era Ngola Kiluange, nome que, posteriormente, veio a se transformar no nome de Angola.

Segundo Francisco (2002, p. 45),

no tocante à sua composição etno-linguística, o povo angolano é integrado, na sua maioria, pelos seguintes grupos: Ovimbundo (língua Umbundu); Ambundo ou Akwanbundo (Kimbundu); Bakongo (língua Kikongo); Lunda-Chokwe (língua Cokwe); Nganguela (designação genérica de povos no quadrante sudeste, sendo mais pertinente identificar os vários subgrupos): Nyaneka-Humbe ou

Nkhumbi, na realidade dois povos diferentes (línguas Lunyaneka e Lukhumbi): Ovambo (a língua principal é o Kwanyama, um subgrupo): Helelo ou Herero (língua Tjihelelo).

Apesar de essas línguas serem faladas pelos povos que compõem Angola, a língua oficial de Estado é o Português.

Do ponto de vista identitário, entre outros, os angolanos mantiveram especialmente a nomenclatura das suas etnias africanas citadas acima. E essas etnias carregam em seus traços heranças milenares do grande tronco etnolinguístico denominado Bantos. Esse tronco é um subgrupo originário dos negros africanos identificados por uma afinidade lingüística.

Segundo Silva (1992, p. 183), *Banto* significa “povo”, ou “os homens”. É o plural de munto, “o homem”. O termo existe em quase todas as línguas bantas. E é o mais antigo, com a sua acepção.

Muitas das características culturais dessas etnias são definidas por Silva:

Parece que eram produtores de alimentos, os que falavam o proto-banto. Possuíam palavras para dendezeiro, legume, figueira, fava azeite, cogumelo, galinha-d’angola, bode, cachorro. E talvez para boi, embora o mesmo termo significasse também “búfalo”. Tinham nomes para moita e matagal, mas não para campina ou pastagem (SILVA, 1992, p. 186).

Entre essas populações, há de se ver marcadamente o domínio técnico do ferro e da cerâmica e uma formação organizacional estruturada nos seus próprios moldes. No entanto, esse perfil vai sofrer, naturalmente, uma mudança drástica no processo colonial europeu.

Ainda entre essas populações, há uma presença mínima de diferentes grupos de angolanos denominados Kung ou bosquímanos. Esses povos são exímios caçadores – coletores e têm como característica física serem de estatura menor que a dos bantos . Por outro lado, também há uma pequena porcentagem de angolanos com traços majoritariamente europeus em consequência da colonização portuguesa no território angolano.



A cultura angolana é majoritariamente sustentada na tradição oral. Desse modo, as relações sociais são previamente marcadas pela aproximação cordial, em função do uso da palavra como grande elemento de comunicação entre as pessoas de uma comunidade.

Como reforça Francisco (2002, p. 45),

A cultura angolana tem na tradição oral o seu principal sustentáculo. A palavra é a sua plena manifestação porque exterioriza a sua realidade íntima. Na tradição oral a palavra pronunciada é sagrada. Ela atualiza na comunidade a presença dos seus antepassados. A morte não é um fim só. É a penas a transição de um mundo visível a um mundo invisível. Por isso, a organização e o funcionamento da sociedade africana tradicional repousam sobre o princípio de permanência da vida.

### **1.4.3 A independência de Angola e sua posição no contexto africano**

Angola é um país que, na sua construção histórica, no continente africano, tem perseverado seus ideais de libertação do jugo colonial. Isto é, o sentido da busca pela liberdade de expressão e a vontade de ir e vir dentro da própria terra têm sido de valor substancial no que se refere à perpetuação das culturas idiossincráticas dos angolanos, em detrimento dos interesses puramente capitalistas.

Como bem ilustra Santos (2001, p. 3)

A luta de libertação angolana no século XX deve ser enfocada, com sua especificidade própria, como intrinsecamente ligada à evolução das resistências provocadas pela expansão do sistema capitalista mundial. Nesta perspectiva, reduzir esta luta a uma dimensão puramente política significa limitá-la à conquista da independência, às disputas pelo poder político e menosprezar seu alcance. A luta de libertação nacional angolana tem, em sua base, um rico conteúdo. Sua edificação é, antes e acima de tudo, uma questão de identidade cultural, elemento essencial e permanente para edificar suas instituições próprias, fundamentado no reconhecimento das diferenças, e de elaborar um projeto social, nacional e popular baseado no diferendo.

Isso quer dizer que as lutas dos angolanos se fazem com a finalidade de perpetuação dos valores africanos. Esses valores são definidos pelos traços culturais

que perpassam a língua nativa, os rituais, os atos idiossincráticos, a dança, a música, a arte e a técnica de cada nação africana.

Para Mourão (1996, p. 5), “A consolidação da nação, como projeto, passou a ser a meta com conseqüências variáveis do ponto de vista cultural, consoante as experiências concretas de cada país”.

Para tal, faz-se necessário conhecer as idiossincrasias culturais dos angolanos, num cenário de grandes diferenças culturais que compõem o território do país. Esse conhecimento certamente contribui para que sejam abolidos em definitivo os ideais coloniais que logravam somente subjugar os autóctones. “No dia em que, em Angola, os cidadãos varredores de ruas [...] forem não só negros, mas mestiços e brancos também, o racismo desaparecerá”. (MATEUS, 2007, p. 162)

O processo colonial levado a cabo em Angola resultou no rebaixamento cultural e intelectual perpetrado pelos portugueses, levando os autóctones a um espírito de derrota e sentimento de inutilidade. Mas é preciso ter em conta que esse processo teve os seus entraves, pois uma proporção, embora pequena, de angolanos, ainda assim, conseguiram agir de maneira a inibir, em certos parâmetros, esse processo de colonização de exploração devastadora.

De acordo com Santos:

Apesar de Angola ter adotado *ad hoc* a língua portuguesa, os angolanos mantiveram diligentemente as suas idiossincrasias culturais, no âmbito das línguas nacionais (nativas), nas práticas de gestão do bem comum, nos ritos de passagem e crenças religiosas locais. (SANTOS, 2001, p. 4)

Iniciado nos os meandros do século XIX, o processo de colonização da África completa-se antes do fim da Primeira Guerra Mundial, quando praticamente todo o continente já havia sido reorganizado e dividido pelas potências europeias (REIS, 1999, p. 30).

Nesse processo,

O regime colonial português encarnou o encontro entre as diferentes formações sociais africanas e o nascente capitalismo português e europeu. O final do século XIX e o começo do XX marcam um período de articulação dessas formações não-capitalistas com a dominação do capitalismo europeu. De forma artificial, e segundo interesses regionais das burguesias portuguesa, alemã e britânica na região, constitui-se então um espaço geográfico, político, econômico e social denominado Angola. (SANTOS, 2001, p. 10)

Contudo, esse processo não se manteria por muito tempo, pois, nos anos 60, uma grande parte dos territórios ocupados tornou-se independente.

A vontade de implantar um regime neocolonial revelou-se aparentemente um fracasso, não devido à industrialização de Angola, mas basicamente pela própria descolonização (Ferreira, 1985, p.107).

Angola, nesse processo, torna-se independente em 1975. Tal independência, geograficamente, vai promover o país, do ponto de vista econômico e militar, a uma posição de destaque na África Austral.

Mesmo que possa parecer paradoxal, a luta pela construção da nação angolana recoloca o país no seu verdadeiro contexto, a África Austral. Não mais se trata de escolher entre o colonialismo ou o neo-colonialismo português e a libertação nacional enquanto conquista política, mas sim entre uma integração mundial maior ou uma integração regional (SANTOS, 2001, p. 21).

Esses interesses vão levar aos cidadãos angolanos uma idéia de formação continuada por meio da educação, visando ao resgate da cultura perdida no período das guerras de libertação e civis.

Neste cenário, após 1975, o Brasil vai ser o primeiro país a reconhecer Angola como país independente, livre e soberano das ingerências coloniais portuguesas, o que vai possibilitar a implantação de relações bilaterais entre esses países, no âmbito da educação, trazendo para o Brasil estudantes em nível de Ensino Médio, Superior e atualmente de Pós-Graduação.

Após o processo de independência, vão sendo formadas, em Angola, as 18 províncias que compõem o seu território, atualmente. (FIG.1).

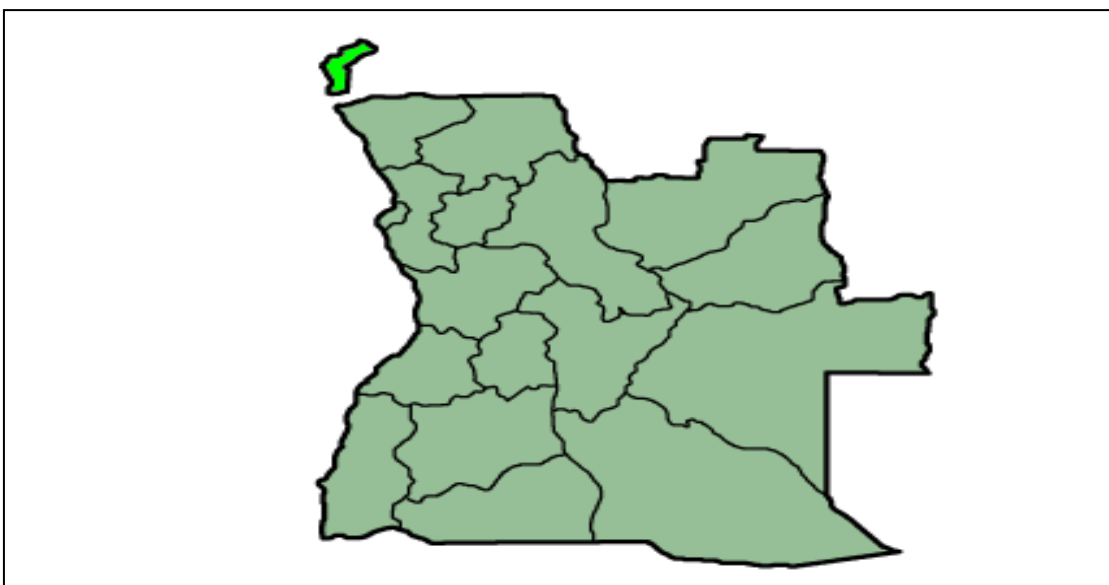


Figura 1 – Mapa de Angola – Província de Cabinda no corno do território. Essa província está Separada geograficamente do território angolano.

Fonte: Wikipédia (2008)

#### 1.4.4 A guerra civil Angolana

Como se fez referência, em 11 de novembro de 1975, Angola se tornou um país independente do jugo colonial português, depois de cinco séculos de dominação. Assim nasceu a República Popular de Angola. Denominou-se Popular pelo fato de ter sido apoiada, majoritariamente, pelos países de tendência socialista, tendo aderido aos comandos dialéticos do marxismo, do ponto de vista político e social.

O processo de independência se deu de uma maneira bastante conturbada, pois antes desse fato, vários partidos pró-independência de Angola haviam lutado com a mesma finalidade, de se libertar dos portugueses. Porém, um único partido foi capaz de proclamar a independência de Angola naquele ano, o MPLA, que, logo em seguida, tornou-se MPLA-PT (Partido do Trabalho).

Desta feita, os outros partidos, UNITA E FNLA, que participaram da guerra de

libertação, se viram forçados a partir para as matas e formar milícias, como forma de reivindicar o seu direito de também governar o país. Em decorrência dessa atitude, intensificaram-se os interesses das grandes potências de se apropriarem do território angolano. Tal ação é majoritariamente perpetrada pelas duas grandes potências mundiais de então. De um lado, os Estados Unidos da América e de outro, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A UNITA se viu forçada a contar com o apoio dos Estados Unidos da América para derrotar o governo socialista do MPLA, como forma de obter maior espaço para atender os seus interesses econômicos e exploratórios em termos de recursos minerais.

Por essa razão, os Estados Unidos, juntamente com o apoio da África do Sul, financiaram a UNITA, que travou uma das mais sangrentas guerras já vistas contra o governo angolano do MPLA, a guerra civil.

Esse processo de guerra trouxe para Angola e para o seu povo a devastação da estrutura social e organizacional. As estruturas tradicionais passaram a ter momentos de altos e baixos em termos de afirmação cultural local, em função dos inúmeros deslocamentos das famílias em busca de refúgio.

Ao longo da guerra civil, o governo do MPLA, não modificou as suas estruturas socialistas, tendo levado a cabo *ad hoc* a politização e o recrutamento da maior parte da população jovem para as fileiras do exército. Uma vez que muitos jovens não aceitavam se enfileirar nas brigadas de combate, eram apanhados nos seus locais de habitação e escolas, levados diretamente para as bases militares, onde tinham um treinamento rápido de combate e, em seguida, transferidos para as frentes de combate.

Assim sendo, muitos jovens eram obrigados a se refugiar em lugares inusitados, especialmente em busca de refúgio político nos países vizinhos de Angola. Outros conseguiam ir além mares, para o continente europeu, australiano, americano e, a exemplo do autor desta pesquisa, sul-americano, no Brasil.

Apesar de a guerra civil ter se mantido até 2002, época em que foram assinados os acordos de cessar fogo, o Partido no poder manteve o regime de monopartidarismo, ofuscando os demais partidos que tinham sido oficializados em 1992. Embora o governo pregasse a luta pela soberania e a ordem do país, o Partido no poder fazia do aparelho governamental um negócio particular. O atual presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, assumiu o governo em 1975 e até os dias atuais se encontra à frente do governo como chefe da nação angolana. Com as suas ações, ele conseguiu enfraquecer e até “docilizar” os demais partidos angolanos, a ponto de não terem mais posição significativa nas decisões do país.

Tal fato se confirmou nas eleições legislativas de setembro de 2008, quando o seu Partido, o MPLA, obteve nas urnas o total de 95% de votos em todo o território angolano.

Vale confirmar, portanto, que Angola deixou de ser República Popular e passou a ser República de Angola. E nos anais da Constituição da República, o país passou a ser pluripartidário.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ininterruptamente, nos nossos dias, muitas têm sido as produções no campo da administração que se preocupam em analisar o impacto das culturas nacionais sobre as culturas organizacionais. Mas antes de tudo, é importante velar pela etimologia da palavra cultura que, na ótica de Cuche (1999), é procedente da mãe das línguas românicas “o Latim”, derivada do verbo *colere*, que em sua acepção inicial, na França do século XIII, se relacionava à área agropastoril.

Essa concepção é perceptível a partir dos estudos feitos no campo da antropologia moderna, precisamente no século XIII. Esse estudo mostrou que o homem, desde os primórdios das civilizações, compartilhava e repassava elementos característicos de si mesmo às gerações de seu tempo e às vindouras, que se diferenciavam de região para região.

A noção de cultura está intrinsecamente relacionada aos estudos das ciências sociais. Pois, com o passar dos tempos, esses estudos corroboram a idéia das diferenças culturais entre os povos, tal como se pode perceber entre os povos Africanos, especialmente, angolanos e o Brasil.

Neste âmbito, a cultura se faz sentir pelas maneiras e ações diárias de cada povo ou mesmo etnia. No caso de Angola, é possível perceber várias etnias que conservam as línguas que as identificam sobremaneira, e se comunicam por meio delas.

O mesmo autor acima referido reforça a cultura como um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (CUCHE, 1999, p. 35);

Entendendo de forma mais abrangente, muitos autores procuram trazer um número vasto de considerações e definições a respeito dessa palavra. Entre eles, Motta (1997, p.16) traz o seguinte olhar:

Cultura é um conceito antropológico e sociológico que comporta múltiplas definições. Para alguns, a cultura é a forma pela qual uma comunidade satisfaz as suas necessidades materiais e psicossociais. Implícita nessa idéia está a noção de ambiente como fonte de sobrevivência e crescimento. Para outros, cultura é a adaptação em si, é a forma pela qual uma comunidade define seu perfil em função da necessidade de adaptação ao meio ambiente.

Essa opinião reforça a idéia de que todo homem é essencialmente um ser cultural, pois, através da cultura terá todos os mecanismos e pressupostos para compreender o mundo e todas as coisas que estão à sua volta.

É nessa perspectiva, conforme Laraia (1997, p. 27), que “para se compreender o mundo e o próprio comportamento humano, é preciso levar em consideração as diferentes concepções de mundo e sistemas de valores”.

DaMatta (1988, p.17) define cultura como “uma palavra que exprime precisamente um estilo, um modo e jeito de fazer as coisas”.

Já para Hofstede (2003) cultura é uma programação mental coletiva, que vai distinguir os membros de um grupo de outro.

Por seu turno, Geertz (1989, p.4), afirma que

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.

Levi-Strauss (1974, p.74), do ponto de vista simbólico, advoga que “toda a cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”.

Ante essa vastidão de conceituações, é importante destacar que a definição de cultura já é uma manifestação de cultura daquele que a define.

Contudo, apesar de haver essas diferenças em vários aspectos, a maioria dos



significados são convergentes em alguns pontos enumerados por Dias (2003, p. 22-23), a saber:

- a) ela é transmissível pela herança social e não pela biológica;
- b) compreende a totalidade das criações humanas;
- c) é exclusiva das sociedades humanas;
- d) interfere na forma como a pessoa vê o mundo, como percebe as coisas;
- e) é um mecanismo adaptativo responsável pela sobrevivência das comunidades humanas.

Nessa mesma ótica, a partir dos aspectos apontados, o autor ressalta que “podemos identificar alguns elementos básicos na conformação de qualquer cultura que, embora possam apresentar conteúdos diferentes, são comuns a todas elas: crenças, valores, normas, sanções, símbolo, idioma e tecnologia”. (DIAS, 2003, p. 23)

Fleury (1996, p. 18) destaca a extensão e a importância do universo simbólico, traço recorrente nas significações, dizendo: “possibilita aos membros integrantes de um grupo uma forma consensual de apreender a realidade, integrando os significados, viabilizando a comunicação.”

Assim, diante dessa exposição, pode-se perceber que é por meio dos símbolos que o homem encontra sentido; são esses que guiam a sua vida, o que pode ser corroborado pela assertiva de Turner (1999, p. 33):

Os homens sem símbolos ou cultura ficariam perdidos e o mundo como nós o conhecemos desmoronaria. Enquanto os símbolos e as normas/regras que eles contêm podem parecer uma obrigação, especialmente num mundo moderno, em que a revolução da informação está sempre gerando novos sistemas de símbolos e que não se pode escapar de um mundo saturado de sinalizações, nós não saberíamos sem tais sistemas de símbolos como agir, como criar novos relacionamentos, e como construir e viver nas estruturas da vida moderna.

Tais relações simbólicas tornam-se importantes para qualquer estudo que aborde o tema cultura e, especialmente, para este que pretende abordar a questão da cultura nacional brasileira e seus impactos nos estudantes angolanos em Belo Horizonte.

Nesta concepção, é possível perceber que,

Para a maior parte dos governos, grupos ou indivíduos que não conseguem administrar a diversidade e aceitá-la como constitutiva da nacionalidade, ela tem de estar contida no espaço privado, em guetos, com maior ou menor repressão, porque é considerada um risco à identidade e à unidade. Mas não há como negar que, cada vez mais, as culturas são plurais e as nações sempre se compuseram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma homogeneização forçada, em grande parte artificial. (CHIAPPINI, 2001, p.2)

Na África, na América Latina, nem as nações são homogêneas nem a modernidade é linear, mas palco de múltiplas temporalidades que nunca foi possível disfarçar de todo. A cultura é exatamente um elemento de grande importância para o bem comum das nações, grupos ou etnias. Ou seja, as reflexões com as quais este trabalho se ocupa, reconhecem que as culturas são históricas e relacionais, mas ainda culturas. Isto é, elas (culturas) se tornam diversas nos mais variados contextos.

A mesma autora reforça,

Elas (as culturas) também reconsideram como fator enriquecedor o múltiplo e cada vez mais múltiplo pertencimento dos indivíduos, suas ambivalências, as identidades ambíguas que se combinam: continental, nacional, regional, local, de idade, de gênero, étnica, profissional, religiosa e de classe. A diversidade cultural é vista como desafio para a identidade na organização, mas também como fator de enriquecimento e abertura de novas e múltiplas possibilidades. (CHIAPPINI, 2001, p.2)

Faz-se importante, portanto, esclarecer que as concepções sobre cultura apresentadas servem de base para a abordagem da cultura brasileira, pois para esta pesquisa, os processos que marcam a sociedade devem ser levados em consideração, visto que se pretende analisar como esses sujeitos angolanos são influenciados pelos traços da cultura brasileira.

## 2.1 Traços culturais brasileiros

É de senso comum o caráter fragmentário e multifacetado da cultura brasileira, resultado das raízes multirraciais do povo brasileiro. Essas características a diferenciam de outras culturas mais sedimentadas, levando-nos a perceber aspectos distintivos e ao mesmo tempo um grau de compartilhamento social que permitem identificar alguma base cultural no país.

Vale ressaltar que, ao se referir à cultura brasileira, deve-se ter em mente o modelo de colonização adotado no Brasil, sendo esse de característica exploratória e extrativista. Isto significa que não visava criar estados e nações, apenas explorar.

Nesse sentido, a sociedade brasileira apresenta um perfil com pendor híbrido quando incorpora a cultura portuguesa que já se apresenta com uma estrutura social e lingüística bastante híbrida que, por conseguinte, possibilitava a existência das mais diversas formas de intermediários (FREITAS, 1997, p. 43).

Nessa mesma senda, podemos notar que

Portugal é por excelência o país do louro transitório, como a criança loira que se transforma em adulto moreno; uma dualidade carnal entre o escuro e o branco. Sua influência africana ferveu sobre a européia, dando o tom à vida sexual, à alimentação, à religião: o sangue mouro correndo solto por uma grande população branca. O ar da África, um ar quente e oleoso, amoleceu as instituições e as formas de culturas germânicas e nórdicas, corrompendo a rigidez doutrinária e moral da igreja Medieval, do Cristianismo, da disciplina canônica, do latim, a arquitetura gótica e do próprio caráter do povo. (FREITAS 1997, p. 43-44).

De fato, quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil havia uma escassez de mulheres da própria raça para atender aos seus anseios sexuais. Isso levou posteriormente à procura das mulheres africanas.

É possível, então, dizer que de Portugal chegou ao que é hoje a forma da cultura brasileira. O que veio depois se fundiu no que já estava em evidência.

Como aponta o mesmo autor,

Não vinham para cá com mulheres e filhos, mas sozinhos. Por essa razão, casavam-se ou juntavam-se com índias, sendo essas as verdadeiras primeiras mães dos brasileiros, com seus conhecimentos de plantas medicinais, de preparação de alimentos e de utensílios domésticos. (FREITAS 1997, p. 17).

Portanto, o Brasil apresenta uma cultura precisamente híbrida, pois, em cada região do país, é possível ver um grande mosaico cultural que difere de região a região.

Esses traços que revelam uma maleabilidade do brasileiro são, naturalmente, o que Motta sintetiza: “Então, na verdade, o que a gente pode perceber, é que os trabalhadores e executivos são controlados de forma muito rígida por controles masculinos, tipo autoridade, e por controles femininos, tipo sedução” (MOTTA, 2003, p.14).

Nessa mesma senda, Freitas elenca os traços brasileiros mais nítidos e influentes no âmbito das organizações brasileiras:

TRAÇOS	CARACTERÍSTICAS-CHAVES
<b>1. Hierarquia</b>	- Tendência à centralização do poder - Distanciamento nas relações entre diferentes grupos sociais. - Passividade e aceitação dos grupos inferiores.
<b>2. Personalismo</b>	- Sociedade baseada em relações pessoais. - Busca de proximidade e afeto das relações. - Paternalismo: domínio moral e econômico.
<b>3. Malandragem</b>	- Flexibilidade e adaptabilidade como meio de navegação social. - Jeitinho.
<b>4. Sensualismo</b>	- Gosto pelo sensual e pelo exótico nas relações sociais.
<b>5. Aventureiro</b>	- Mais sonhador do que disciplinado. - Tendência a aversão ao trabalho manual ou metódico.

Quadro 1 – Traços brasileiros e características-chaves  
Fonte: Freitas (1997, p. 44).

### 2.1.1 Hierarquia

Desde os primórdios do processo de latinização ou romanização da Ibéria, os romanos instituíram um domínio de caráter econômico, político e religioso. Mas, com

as ininterruptas invasões dos bárbaros em regiões ibéricas, os romanos se viram forçados a redigir normas do direito canônico legitimando o prestígio do alto clero, esse que gozou desde então de prerrogativas místicas, morais e até jurídicas sobre as populações peninsulares.

E é bem sabido que com esse prestígio extraordinário, os religiosos se viram com o poder de determinar ações às populações como missionários e ordens belicosas, o que deu origem às chamadas cruzadas religiosas, cujo objetivo era conquistar vastas terras em “*nome de Deus*” sic. Tal postura colocou-os entre os grandes latifundiários da Europa.

De acordo com Freitas (1997), tal sistema agrário, adotado no início da colonização brasileira e que persiste até os dias de hoje, teve suas origens no sistema latifundiário adotado nas conquistas eclesiásticas.

Para o sucesso neste sistema latifundiário e patriarcal adotado no Brasil, foi fundamental a experiência adquirida com a escravidão a que foram submetidos os mouros à vitória cristã. [...] Surge com base na força do trabalho do escravo, ordenado e reprimido, separado e calado, gerando uma estratificação social e rígida hierarquização, estabelecendo uma distância entre senhor e escravos. (FREITAS, 1997, p. 45)

Tal aspecto veio, naturalmente, reforçar o sistema agrário no Brasil, que teve como núcleo a família patriarcal.

Essa família erigiu uma política colonizadora, no Brasil, com pendor aristocrático e virtualmente ilimitado, centralizando o poder na figura do patriarca, aquele que, naturalmente, dominava todas as instâncias de decisão familiar, social e política. As relações entre governantes e governados eram normatizadas e conferidas por ele.

É daí que se pode, certamente, fazer uma analogia com o clientelismo, o coronelismo e o mandonismo em que a concessão de benefícios públicos e favores políticos, reforçou os traços culturais em estudo (hierarquia, concentração de poder e, conseqüentemente, autoritarismo), conferindo a garantia do poder aos coronéis (CARVALHO, 1997, p. 32).

Nesse sentido, Ortiz (1986, p.8) advoga que a problemática da cultura brasileira tem sido, e permanece, até hoje, uma questão política e que “está profundamente ligada

à própria construção do Estado Brasileiro”

Neste mesmo liame, Schmidt (2001, p.272) afirma

No Brasil a formação do Estado precedeu a da sociedade civil (...) aqui o Estado constituiu-se no espaço entre a transferência do Estado imperial português para o Brasil e a independência do país, regido na maioria das vezes por uma elite oriunda da burocracia militar e civil. Isso levou à separação entre Estado e sociedade, e à preeminência excessiva daquele sobre esta.

Tal preeminência, além da esfera econômica, também se deu na esfera política, e as elites oligárquicas, desde sempre, exerceram a ascendência política à revelia da população.

Portanto, esse traço corrobora o retrato atual do Brasil no quesito da não participação da população na política e nos momentos de decisão do país.

Por estar distanciado das instituições políticas, o cidadão comum não conhece o funcionamento dos órgãos públicos, carece de informações sobre as possibilidades e limites da atuação dos agentes governamentais, de forma que frequentemente espera deles o que não está ao seu alcance e deixa de reivindicar o que poderia ser atendido. (SCHMIDT, 2001, p.303)

### **2.1.2 Personalismo**

O Brasil é um país que promove uma vivência baseada nas relações interpessoais, intimamente ligadas ao relacionamento mais próximo e afetivo.

Segundo DaMatta (1986), existem duas unidades sociais básicas: o indivíduo e a pessoa. A primeira é o sujeito das leis universais e a última é o sujeito das relações sociais, que se utiliza dessas pra fazer uma mediação entre a lei e a situação onde ela deveria aplicar-se. Daí a necessidade de se aconchegar ao outro com pendor mais afetivo possível.

Por sermos uma sociedade baseada em relações, desenvolvemos necessidade de tornar nossos relacionamentos mais próximos e afetivos. Os brasileiros são conhecidos por seu “calor humano” no tratamento pessoal. Evitamos ao extremo as soluções de amizade. [...] somos definidos como um povo acolhedor, hospitaleiro e generoso no afeto. [...] parece que temos horror às distâncias e

um desejo contínuo de estabelecer um mínimo de intimidade. Buscamos, nas relações que deveriam supostamente ser cobertas de rigores e formalismos, um núcleo familiar, um elo pessoal (FREITAS, 1997, p. 48).

Essa valorização do relacionamento com proximidade mais afetiva e emocional, levou Holanda (1975) a desenvolver o conceito de “homem cordial”, ao designar o cidadão brasileiro, manifestando-se pela sua aversão a qualquer tipo de ritualismos e que aceita relações sociais com base essencialmente na pessoa.

O mesmo autor reforça,

O brasileiro sabe que ao ingressar em uma organização, deve logo arrumar um bom “padrinho”. Por meio de suas relações mais próximas do poder, o “padrinho” representa a trilha rumo à rápida ascensão até o topo da organização. (FREITAS, 1997, p. 48)

E isso se institucionalizou em todas as esferas da sociedade, nomeadamente, religiosa, jurídica e política, privilegiando naturalmente indivíduos de acordo com os critérios que esses estabelecem nas suas relações.

O pessoal íntimo é colocado, no mais das vezes, sobre o interesse da coletividade: os interesses pessoais são tidos como mais importantes do que os do conjunto da sociedade, ocasionando falta de coesão na vida social brasileira, na medida em que cada um favorece os membros de seu “clã” em detrimento do interesse coletivo (MOTTA e ALCADIPANE, citado por TEIXEIRA, 2007, p. 30).

Esse traço pode ser explicado pelo processo de formação do Estado brasileiro que moldou os fatores sociais econômicos, políticos e culturais, contribuindo para a sua formação.

Assim, também é fácil perceber que as relações, neste sentido, se fazem pela troca de favores entre os chamados coronéis, que comandam o poder mais local e a mais alta hierarquia da sociedade brasileira, de governadores a presidente. “O coronelismo é um sistema político, uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos” (CARVALHO, 1997, p.34).

Esse é um retrato baseado nas relações de dominação patriarcal colonial – o senhor

deixa de ser apenas um detentor de trabalho físico: ele é também dono e até responsável moral pelo escravo (FREITAS, 1997, p. 49), o que se estendeu até as nossas relações de trabalho atuais.

Para DaMatta (1986), misturamos uma relação puramente econômica com laços pessoais e de amizade. O patrão, ao dominar o trabalhador, oferecendo o emprego, também domina suas aspirações e reivindicações, pois apela à moralidade das relações.

### **2.1.3 Malandragem**

A malandragem é um traço tipicamente brasileiro, quando se procura definir a identidade imagética do mesmo. Esse traço é sumariamente identificado nas organizações e instituições familiares.

Como afirma Freitas (1997, p. 50),

O indivíduo é freqüentemente reconhecido e valorizado em função de sua rede de relações interpessoais. Assim, quando deparamos com leis ou situações universais e homogêneas que ignoram nossas personalidades, apelamos para relações de intimidade. Tentamos criar uma saída intermediária para o impasse entre o impessoal e o pessoal.

Conclui-se, assim, que, numa situação de grande impasse ou desespero, o sujeito apela para uma relação de intimidade. Essa prática leva o sujeito a fincar suas balizas sociais e comerciais em níveis seguros, como forma de fugir de um possível colapso. Ou seja, aqui vale tudo. É o famoso jeitinho brasileiro.

Percebe-se, entretanto, que esse aspecto acima elucidado é decorrente de outros dois: o personalismo, já abordado anteriormente e o formalismo.

Diante de incongruências e incertezas, o brasileiro procura sempre se esquivar, buscando solucionar os problemas da forma mais amena e segura possível. Tal



postura o leva a aceitar tacitamente as normas e regras prescritas, mas com uma prática distorcida no seu cotidiano social, econômico e político.

Esse é um dos traços que estará nas discussões deste trabalho, para perceber analogamente os traços que os estudantes angolanos trazem consigo e como sofrem influência dos traços culturais brasileiros durante o seu processo de formação nas IES brasileiras, em Belo Horizonte. Isso porque, inicialmente, já se pode, empiricamente, analisar do ponto de vista do mercantilismo europeu, a época em que os portugueses firmemente, rumaram para o continente africano, criando colônias de exploração ao exemplo do Brasil.

De acordo com DaMatta (1986), como estilo de vida originalmente brasileiro de se relacionar socialmente, o jeitinho é mais que um modo de viver, é uma forma de sobreviver. É agir com sensibilidade, inteligência e simpatia para relacionar o impessoal e o pessoal.

Em outras palavras, o malandro seria o mestre da arte do “jeitinho” e do formalismo. O malandro é aquele que apresenta uma dinamicidade no fazer e agir. É ativo e flexível. Adapta-se facilmente a situações as mais diversas, até impossíveis, aparentemente, de se sair bem. É criativo e inovador. “Tem sensibilidade para se relacionar, captando com boa precisão o perfil psicológico das pessoas e as características da situação” (FREITAS, 1997, p. 50).

Essa característica do jeitinho é conhecida fora do país como uma capacidade singular de adaptabilidade e ligeireza em buscar soluções originais diante do aparentemente quase impossível.

Nas palavras do mesmo autor,

Parece-nos que o Brasil é uma escola de malandros. Somos conhecidos fora do país por nossa capacidade de adaptação, por buscarmos soluções originais e por sermos dinâmicos e flexíveis. Inconscientemente, cada um de nós adquire um pouco deste caráter, e em diferentes níveis sabemos que a relação é um dos caminhos para o sucesso, seja ele pessoal seja profissional. Sabemos que pra tudo há jeitinho, basta um pouco de tato que as coisas se resolvem. (FREITAS, 1997, p. 50).

É, sem dúvida nenhuma, um dos traços marcantes do povo brasileiro no exterior, o

mais identificado nos locais por onde passa um brasileiro.

#### **2.1.4 Sensualismo**

Muito antes de chegar ao Brasil, a população portuguesa sofreu influência cultural dos mouros, quando esses, em dado momento, buscavam melhores condições de vida e terrenos férteis na Península Ibérica. Essa influência se deu principalmente na formação miscigenada dos portugueses, nos ritos locais e nos mandamentos sagrados da igreja católica.

Vimos que em Portugal a miscigenação esteve sempre presente em sua sociedade. Inúmeras famílias nobres de Portugal absorveram sangue árabe ou mouro. Logo ao primeiro contato com esses invasores maometanos, as populações cristãs, não só nas classes populares como também nas elevadas, absorveram forte tendência à poligamia, o que levou a moral maometana a exercer grande influência sobre moral cristã. Nenhum outro catolicismo na Europa conservou gosto tão forte pela carne e pelo fálico como o catolicismo português (FREITAS, 1997, p. 51).

Ao chegar ao Brasil, o português pôs em prática a poligamia, já que observou que os índios praticavam poligamia há muito tempo no intuito de constituir grandes famílias.

Foi com essa bagagem que o colonizador português iniciou sua vida no Brasil. Já afeiçoados à poligamia pelo contato com os mouros, os portugueses descobriram na moral sexual dos indígenas o campo fértil onde expandir sua ferocidade carnal (FREITAS, 1997, p. 51).

Aproveitando-se da falta da mulher branca, uma vez que muitos deles vinham em condições diversas, como serviçais e detentos, o português mergulhou na libertinagem sexual, liberando e descarregando todos os desejos e sentidos, justificando, assim, a necessidade da procriação que é devida a todo o ser.

“Era usual até mesmo a Virgem Maria e os santos serem identificados com os interesses de procriação, de geração e de amor, mais do que os de castidade e

negação dos desejos mundanos” (FREYRE, 1966, citado por FREITAS, 1997, p. 51)<sup>2</sup>.

“Quando as mulheres africanas foram introduzidas no Brasil, dentro deste ambiente de total libertinagem sexual, foram usadas para a pura descarga dos sentidos e desejos. Não que as negras trouxessem da África, em seus instintos, em seu sangue, maior sensualidade que as portuguesas ou as índias: aqui não era uma questão de desejo, mas imperativo. O rapaz ou mesmo o menino branco tinha precocemente uma iniciação sexual.” (FREITAS, 1997, p. 51).

Sabendo-se que o conhecimento e a experiência erótica subjazem no desenvolver de qualquer indivíduo, os colonizadores, por deterem todos os poderes sobre os escravos e escravas, para fazerem o que bem lhes apetecia com os mesmos, antecipavam-se na vida erótica com a negra ou a mulata, quando não com o companheiro negro de brincadeiras.

Esse contexto explica o grande apego à carne, influenciado também pelas músicas, festas, carnaval, danças e até a culinária. O brasileiro gosta do contato com a pele, da fala carinhosa e do olhar malicioso.

Não raro, o brasileiro coloca uma dose de sensualismo em suas relações como modo de navegação social, como maneira de obter o que deseja mais facilmente. Gostamos do contato próximo, de pele, das falas carinhosas e dos olhares atravessados. Nossos bate-papos e conversas cotidianas conservam em suas entrelinhas certo teor de malícia, de sensualismo (FREITAS, 1997, p. 52).

Essa prática é o chamado sensualismo afetivo. É bastante perceptível nos momentos de encontro informais e formais.

### **2.1.5 Aventureiro**

Constituído pelo formato colonial português, o brasileiro aprendeu a não dar muito

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que, em função de não ter tido a felicidade de encontrar a obra “Casa Grande e Senzala” de Freyre, optou-se pelo uso do trecho desse teórico citado por Freitas como consta na citação acima.

crédito aos trabalhos considerados manuais. Esse perfil é vaticinado pela destreza judia de primar pelos negócios cosmopolitas que exigiam uma formação intelectual bem mais apurada e metódica. Ou seja, os portugueses tendo apenas a técnica da cultura de subsistência, viam nas ações dos judeus a saída para a melhoria de suas vidas e o caminho para se civilizarem. Foi essa queda dos judeus pelos negócios comerciais que impulsionou e influenciou as grandes navegações mercantilistas lusitanas.

Com aversão à agricultura e certo desprezo pelo trabalho manual podemos concluir que a ruptura por um estado agrário para uma economia mercantilista e burguesa, tão precocemente tomado pela monarquia portuguesa, teve como articulador principal a influência judia. Fica compreensível que para o povo português, jamais se tenha naturalizado a moderna religião do trabalho. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais interessante do que a luta irrestrita pelo pão de cada dia (FREITAS, 1997, p. 52).

O brasileiro objetiva sempre atingir o prazer imediato ou o retorno de seus atos em curto prazo, sem fazer grandes esforços para tal. Ele é extremamente ametódico e, muitas vezes faz o uso de “jeitinhos” para driblar passos metodológicos e convencionais a fim de alcançar um objetivo. Isto é, o brasileiro não gosta de situações que lhe ofereçam obstáculos e retardem a materialização dos seus desejos. As facilidades são mais amigas e bem vindas.

Nessa perspectiva da aversão ao trabalho, característica do traço aventureiro, Freitas (1997, p. 53) afirma:

O brasileiro busca limitar seu foco a perspectivas de proveito material que dêem retorno em curto prazo. Nos projetos ambiciosos, quando surge um obstáculo, sabemos transformar esse obstáculo em trampolim: tudo, claro, respeitando-se a “lei” do mínimo esforço. O brasileiro se apega gostosamente à ociosidade. Preferimos deixar o metódico e o trabalho para depois, ou como dizemos – “deixa para amanhã!” Macunaíma, nosso filho da terra, já dizia – “Ai que preguiça!”

Desse modo, em tal passagem a suposta preguiça e a indolência do brasileiro são ressaltadas, usando como elemento corroborador a obra literária de Mário de Andrade, escrita em 1928, “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, que emblematiza a preguiça nacional” (TEIXEIRA, 2007, p. 36).

## 3 METODOLOGIA

### 3.1 Caracterização da pesquisa

Dado o problema descrito, sua complexidade, e os princípios teóricos que orientarão essa pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa, pois, por sua característica, dá condições ao pesquisador de chegar à compreensão ou interpretação dos fenômenos sociais, com base nas perspectivas dos atores.

Nesse sentido, para conseguir captar com eficácia, a maneira como essas pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e práticas, far-se-á necessário o uso de uma abordagem que permita conhecer os fenômenos sociais e humanos, as perspectivas implícitas nas ações e nos discursos dos diferentes atores sociais envolvidos nesse processo, reconhecendo-os em todas as suas dimensões.

A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma “descrição detalhada” de um meio social específico pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. (GASKELL, 2008, p. 65).

Por meio de entrevistas individuais, como pesquisador, será possível examinar as origens sociais e as experiências anteriores de um sujeito, assim como suas opiniões particulares sobre questões correntes.

#### 3.1.1 Quanto aos fins

Quanto aos fins, o presente trabalho tipifica-se essencialmente em pesquisa descritiva com um viés exploratório, para identificar esses traços culturais brasileiros nos estudantes angolanos nos cursos de administração em Belo Horizonte, pois,

como aponta Vergara,

A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. (VERGARA, 2007, p. 47)

A pesquisa descritiva, em outras palavras, é usada para identificar e obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão.

### 3.1.2 Quanto aos meios

Quanto aos meios de investigação, por sua vez, a presente pesquisa será um estudo multicasos. Com este procedimento, pode-se adquirir conhecimento do fenômeno estudado, a partir da exploração intensa de um único caso dentro de um grupo. Seu uso tem sido aplicado ao estudo de eventos, processos, organizações, grupos e comunidades.

“A lógica do estudo multicasos também pode derivar da criação prévia de hipóteses de tipos diferentes de condições e do desejo de ter subgrupos de casos tratando cada um dos tipos” (YIN, 2005, p. 74).

Esse tipo de estudo pode consistir em casos múltiplos *holísticos* ou casos múltiplos *incorporados*. “A diferença entre esses dois projetos depende do tipo de fenômeno que está sendo estudado e das questões da sua pesquisa. Em um projeto incorporado, o estudo pode até exigir a condução de um levantamento no local em que está sendo realizado cada estudo de caso” (YIN, 2005, p. 74).

Como aponta Yin, “Estudo multicaso Holístico se define quando há apenas uma unidade de análise” (YIN, 2005, p. 61).

## 3.2 Técnicas de coletas de dados

### 3.2.1 Entrevista em profundidade

Para se realizar uma entrevista, é preciso ter em conta alguns parâmetros que norteiem o foco da pesquisa. Um deles é a escolha dos sujeitos a serem investigados.

Portanto,

Para se obter uma boa pesquisa é necessário escolher as pessoas que serão investigadas, sendo que, na medida do possível estas pessoas sejam já conhecidas pelo pesquisador ou apresentadas a ele por outras pessoas da relação da investigada. Dessa forma, quando existe uma certa familiaridade ou proximidade social entre pesquisador e pesquisado as pessoas ficam mais à vontade e se sentem mais seguras para colaborar (BONI, e QUARESMA, 2005, p. 76)

É importante ter isso em mente, para não se cometerem alguns equívocos durante a entrevista.

Nesse pensamento,

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca. É tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular da qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca (BOURDIEU, 2008, p. 695).

É de suma importância que o pesquisador fale a mesma língua do pesquisado e estabeleça um ambiente cordial.

Para Boni e Quaresma (2005, p. 77),

Durante a entrevista o pesquisador precisa estar sempre pronto a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais verbais como de agradecimento, de incentivo. Isto irá facilitar muito essa troca, essa relação. O pesquisado deve notar que o pesquisador está atento escutando a sua narrativa e ele deve procurar intervir o mínimo possível para não quebrar a seqüência de pensamento do entrevistado.

Em outras palavras, o pesquisador precisa perceber que há uma ordem no momento da interação, pois isso ajuda a dar segurança ao entrevistado. “É o pesquisador que inicia o jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado” (BOURDIEU, 2008, p. 695).

É preciso saber que “o pesquisador deve levar em conta que, no momento da entrevista, ele estará convivendo com sentimentos, afetos pessoais, fragilidades, por isso todo respeito à pessoa pesquisada. O pesquisador não pode esquecer que cada um dos pesquisados faz parte de uma singularidade, cada um deles tem uma história de vida diferente, tem uma existência singular” (BONI, e QUARESMA, 2005, p. 78). Isso vem corroborar o que tem sido observado nos angolanos que vêm para o Brasil. Esses sujeitos trazem consigo traços culturais firmemente marcados pelas situações da guerra civil a que foram submetidos durante o período em que viveram naquele território africano.

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo “bom” pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado pela interação, principalmente ao nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tornarem os sujeitos (BOURDIEU, 2008, p. 696).

Ainda segundo Bourdieu (2008), é importante agir também, em alguns casos, sobre o processo estrutural da relação.

Para que não se cometam erros contraproducentes, é preciso ter em conta que,

Nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada. Ela é, como escreveu Robert Farr (1982), “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. (BAUER e GASKELL, 2008, p. 64).

Então, para colher as informações de que se precisará para clarificar o objeto de estudo, serão realizadas entrevistas individuais de modo a ter acesso, à realidade particular de cada uma dessas pessoas, o que propiciará a apreensão do vivido por



esses sujeitos, suas práticas, motivações, possibilitando ter uma visão múltipla das experiências desses sujeitos angolanos que temporariamente vivem no Brasil, singularmente em Belo Horizonte, Minas Gerais e como os traços culturais acima elucidados os impactam nas suas idiossincrasias africanas.

### 3.3 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa

Na seleção dos entrevistados, seguiu-se o critério da afinidade com os mesmos, pois, como angolano, o autor deste trabalho teve mais facilidade de aceitação ao abordá-los. Isso trouxe um grande alívio por parte do pesquisador, pois se percebe que há um grande empenho de solidariedade dos angolanos. Fala-se aqui de solidariedade porque, em função dos muitos anos de guerra pelos quais Angola passou, período em que as pessoas eram obrigadas a desconfiar de tudo e de todos, os angolanos têm mostrado um dos traços culturais marcantes na sociedade angolana – a solidariedade entre os elementos das várias etnias que compõem o território angolano.

A unidade de análise desta pesquisa são estudantes do curso de Administração das IES de BH, como forma de perceber a assimilação dos traços culturais brasileiros, a partir da sua convivência técnico-formativa nessas Instituições de Ensino.

É sobre esses sujeitos cuja caracterização está efetuada na TAB.1, que incidirão os nossos olhares como pesquisadores, visando elucidar o problema anteriormente apresentado.

**Tabela 1 – Sujeitos da Pesquisa**

Nº	NOME	CURSO/GRADUAÇÃO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
01	Kassoma	Administração	Universidade Federal de Minas Gerais
02	Xilanda	Administração	Faculdade Pitágoras
03	Celsonoana	Administração	Universidade Federal de Minas Gerais
04	Uazinjilo	Administração	Universidade Federal de Minas Gerais

Obs: Os nomes citados na tabela não são reais

Fonte: Secretaria das Instituições de ensino dos referidos sujeitos

### 3.4 Técnicas de análise dos dados – Análise de conteúdo

Todo documento falado, escrito ou sensorial contém, potencialmente, uma quantidade de informações sobre o autor, sobre o grupo ao qual ele pertence, sobre os fatos e acontecimentos que são relatados, sobre o mundo sobre o setor da realidade que este documento questiona (GOULART, 2006, p. 158). Esses elementos contidos em um dado trabalho que podem ser chamados de dados informacionais, são materiais substanciais que fazem valer a finalidade de existência de qualquer documento.

Assim, segundo Goulart (2006, p. 158), a percepção dessas informações é filtrada, deformada, alterada por toda uma série de seleções e interpretações que provêm dos centros de interesse, das motivações, das ideologias daqueles que as analisam.

Portanto, para o presente trabalho, será essencialmente utilizada a análise de conteúdo categorial -temática.

Com referência à análise de conteúdo, Bardin (1979, p. 42) afirma:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção destas mensagens.

Apoiando-se em Laswell, Goulart (2006, p. 161) tenta clarear a análise de conteúdo, considerando que ela deve responder a seis questões:

1. Quem fala?
2. Para dizer o quê?
3. A quem?
4. Como?
5. Com que finalidade?
6. Com qual resultado?

A mesma autora ainda reforça:

A Análise de conteúdo não constitui apenas um instrumento, mas um conjunto de apetrechos, que podem tomar diferentes formas, conforme se apliquem ao extenso campo da comunicação humana. Pode se aplicar à análise de uma entrevista; à identificação de um lapso cometido por um político em seu discurso; radiografar as relações informais numa empresa; avaliar os estereótipos de gênero em uma novela; analisar a intenção de algumas expressões na propaganda de um produto (GOULART, 2006, p. 161).

É fundamental que, ao se fazer uma análise de conteúdo, essa seja bem conduzida de modo que não se caia no erro de fazer inferências estritamente subjetivas dos dados coletados. Esse cuidado é importante para que o pesquisador não atribua interpretações meramente pessoais e generalizadas em detrimento da análise objetiva dos elementos simbólicos do conteúdo coletado.

Por este trabalho ser de caráter essencialmente qualitativo, no tratamento dos dados obtidos nas entrevistas, serão definidas as categorias que possibilitarão as respostas ao problema proposto.

## 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

“O tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aporta de singular como contribuição” (MINAYO, citado por FRANCISCO, 2002, P. 75).

Concernente ao nosso trabalho baseado na pesquisa qualitativa, as respostas dos entrevistados trouxeram um grande volume de dados com grandeza documental para a realização efetiva deste trabalho. O processo de entrevistas foi feito mediante o uso de um gravador e finalmente transcritas. Na sequência, foram feitas as categorizações temáticas que propiciaram a análise dos dados recolhidos nas entrevistas.

### 4.1 Dados pessoais e de contexto

Cada povo tem as suas idiossincrasias que os leva a um estágio identitário comum. Em Belo Horizonte, sendo ela uma cidade republicana, não se pode identificar firmemente nenhuma etnia, mas sim uma cultura formada progressivamente com a mistura de povos, índios negros e brancos.

Cultura é um conceito antropológico e sociológico que comporta múltiplas definições. Para alguns, a cultura é a forma pela qual uma comunidade satisfaz as suas necessidades materiais e psicossociais. Para outros, cultura é a adaptação em si, é a forma pela qual uma comunidade define seu perfil em função da necessidade de adaptação ao meio ambiente (MOTTA 1997, p.16).

Nesse contexto os entrevistados (**E**), num mosaico cultural que é patente em Angola, procuram arbitrariamente mostrar um sinal de pertencimento quando enfatizam a sua origem étnica angolana, seguidamente ao seu local de nascença. Essa necessidade de mostrar inexoravelmente o pertencimento idiossincrático de sua cultura se deve ao fato de o angolano sentir um início de um possível desenraizamento da terra de origem a que estão sujeitos em muitos aspectos (culturais, identitários, valores,

língua mãe e familiares), a partir do momento em que se vêem em terra que se mostra estranha.

**E1** – Primeiro eu queria dizer que eu sou fruto de duas misturas, de duas etnias, meu pai é Quimbundo e minha mãe é Ovimbundo. A origem da minha mãe é mais para os lados dos Cokwe, por causa do sobrenome dela Quibinda. Ela tem origem tchokue que é na parte norte de Angola. E meu pai é Quimbundo. Agora quando você me pergunta com qual eu mais me identifico essa é uma pergunta, eu não vou dizer se eu me identifico mais com os Quimbundo ou com Ovimbundo. Eu acho que me identifico mais com as duas culturas porque eu consigo exercer essa função com muita facilidade. Eu consigo ser Ovimbundo e consigo ser Quimbundo ao mesmo tempo. Isso por conta das características do povo Ovimbundo, que é aquele povo muito próximo do brasileiro, do povo mineiro, aquela calma, aquela pessoa desconfiada, mas que está sempre atento para qualquer evento. Por isso que eu digo que me identifico com as duas porque eu consigo desempenhar o papel das duas culturas muito bem. Das duas etnias, dos dois grupos étnicos.

**E2** – A etnia à qual pertença, é dos quimbundos. Meus pais são de Malanje, lá se fala quimbundo, então os meus pais são Quimbundos de Malanje. Da língua dos quimbundos alguma coisa eu entendo sim, só um pouco. Porque eu também canto muita música no dialeto quimbundo e aí então aprendi um pouquinho com os cantos.

**E3** – Eu pertença à etnia Quimbundo, minha família, meus pais, minha mãe, tanto da parte da minha mãe, quanto do meu pai são todos Quimbundos. Mas eu tenho uma especial admiração pelo povo do bacongo. Pelas questões históricas, não sei se é pela ligação de estar na parte norte. Só sei que me identifico muito com o povo deles e gostaria de estar conhecendo muito mais da etnia deles mesmo. Sobre a nossa língua, entendo alguma coisa, mas quase nada. Mas praticamos as nossas tradições com a família muito. Sempre no possível, o pessoal procura estar desenvolvendo nossa cultura com danças, específicas mesmo do povo Quimbundo.

**E4** – Eu pertença à etnia Bacongo, de língua Kicongo eu sou de hunda mas toda a minha família é da província de Zaire, no município do Soio. Eu me identifico muito com a minha etnia. Eu entendo bem o Kicongo, mas não falo tanto quanto entendo. Fazemos perfeitamente o uso das nossas tradições, em casa a gente costuma fazer isso muito. Até porque quando a minha avó sai lá do município e vai para hunda, é costume a gente falar Kicongo, para não perder as raízes.

Isso ressalta a cadência simbólica que cada indivíduo carrega no bojo da própria cultura.

Os homens sem símbolos ou cultura ficariam perdidos e o mundo como nós o conhecemos desmoronaria. Enquanto os símbolos e as normas/regras que eles contêm podem parecer uma obrigação, especialmente num mundo moderno, em que a revolução da informação está sempre gerando novos sistemas de símbolos e que não se pode escapar de um mundo saturado de sinalizações, nós não saberíamos sem tais sistemas de símbolos como agir, como criar novos relacionamentos, e como construir e viver nas estruturas da vida moderna. (TURNER1999, p. 33):

O pertencimento cultural desses sujeitos, apesar das influências obtidas ao longo de suas vivências no Brasil, é carregado de várias simbologias particulares. A identificação através desses detalhes aparece no bojo cultural, como algo que não se deve perder e se deve fazer de tudo para que isso terminantemente não fuja do seu controle. Percebe-se, no discurso dos entrevistados, o cuidado de, no seu cotidiano escolar e social, manter as suas raízes tradicionais e identitárias, mesmo sabendo que pelo fato de serem sujeitos expatriados são passíveis de romper laços afetivos e viver outra vida. Porque “assumir a expatriação é admitir a possibilidade de viver outra vida, de romper laços afetivos, desestruturar certezas e costumes, participar de aventuras definidas no cotidiano. Nela, as surpresas são constantes e os indivíduos não recebem um manual de instruções junto com seu bilhete aéreo” (FREITAS, 2009, p. 290).

#### **4.1.2 As experiências existenciais de ser estrangeiro**

Como afirma Joly (2007, p. 84):

Viver no exterior, especialmente num meio cultural muito diferente do seu, é uma experiência que nos mergulha na confusão. Os esquemas de referência que estruturam nossa personalidade não são capazes de dar sentido aos acontecimentos que nos assediam. É à procura de um sentido para nossa própria experiência de choque intercultural que nos propomos nesta reflexão.

Outra característica que nós gostaríamos de salientar nos sujeitos da pesquisa é a impressão que eles tinham do Brasil. Sendo assim, segue abaixo, as percepções dos sujeitos quanto a esse aspecto:

**E1** – Quando eu estava em Angola, as informações que eu tinha eram mais com base nas informações que eu via nos filmes e nas novelas. Então a primeira coisa que passava nas novelas era Copacabana, Avenida Atlântica, São Paulo Avenida Paulista, então a sensação, a impressão que você tem do Brasil é São Paulo, Vinte e Cinco de Março e a outra avenida famosa que tem lá no Rio de Janeiro é a Avenida Atlântica, Copacabana. Mas o que chama a atenção quando você me pergunta qual a primeira impressão, foi quando eu justamente cheguei, sai do aeroporto Tom Jobim e a primeira vista que você tem quando você se desloca a um, dois, três quilômetros do aeroporto é aquele mar de um lado, aquele mar poluído da baía de Guanabara e do outro lado aquelas favelas, porque foi um contraste muito grande, porque eu só conhecia a Avenida Atlântica, a Avenida Paulista que eram aqueles edifícios bonitos aquelas coisa todas muito bonitas, tudo muito perfeito. Mas o que me chamou a atenção foi

isso. Aquele aglomerado de casas, que são as favelas que nós lá em Angola também temos e, por incrível que pareça, quando você me pergunta qual a impressão que eu tive, só para você ter noção no me primeiro dia eu presenciei um assalto, justamente na casa onde eu estava, e aquilo aconteceu na frente da casa onde eu vivia. Aquilo me chamou muito a atenção e você fala, *pô* eu saio de Angola de um país onde vivia em conflito permanente, até mesmo por nossa condição de estada no Brasil, eu vim em procura de uma condição melhor, para você ficar mais na paz entre aspas, porque você está saindo de lá para fugir de outras situações. E foi o assalto que me chamou a atenção porque chegaram dois indivíduos armados e foi um assalto que eu nunca vi em Angola, e provavelmente só tinha visto aquilo em filmes. Aquilo me chamou muito a atenção para uma pessoa que vem de um lugar muito longínquo e presenciar aquele tipo de situação e da forma como foi. Então a impressão que tive do Brasil é o seguinte: quando isso me aconteceu pensei: bom você sai de um lugar que tem bombas caindo, minas, tem tudo, mas você vem a um lugar que você tem certa paz, mas você tem de ficar atento a muitas situações que poderão ocorrer na tua vida enquanto você permanecer no Brasil.

**E2** – Olha as impressões que eu tive do Brasil em Angola, é que eu achava que no Brasil não tinha lixo nenhum, era um país muito bonito, mas quando cheguei vi que era diferente. Que o Brasil parece muito com Angola na sujeira. Então eu não vi muita diferença entre o Brasil e a Angola. Esperava uma coisa e encontrei outra. Encontrei muitos morros e favelas que na TV, nas novelas não passam. Nas novelas só passam mulheres bonitas e carnaval e Copacabana e Leblon. Mas quando cheguei aqui, também percebi que os traficantes também mandam juntamente com os deputados.

**E3** – Eu já antes de vir para o Brasil, os meus irmãos já vieram aqui nos anos 80 e outros na década de 90. Em 96, o meu irmão veio e começou a morar aqui no Brasil. Dois, três anos depois eu resolvi vir para o Brasil. Já tinha muitas informações sobre o Brasil, dificuldades, acesso a estudo, a trabalho, mas mesmo assim vi que as nossas dificuldades em Angola eram maiores e vi que as dificuldades aqui no Brasil seriam superadas assim fáceis. Não foi isso. Comi o pão que o Diabo amassou. Foi duro de roer, mas também não foi um bicho de sete cabeças.

**E4** – As primeiras informações que eu tive do Brasil é que isso começou pelo noticiário, assistia muito a TV Globo, a Record, mas o que eu mais via do Brasil era a violência. A TV Globo e a Record transmitiam para a gente a violência, que àquela altura estava intensa no Rio e também a questão da mulherada. Brasil todo mundo sabe que é o país das maravilhas, quanto à mulher. Mas já me confundiram com traficante do morro. Às vezes quando ando na rua, por ser negro pensam que sou um assaltante em ação. Então essas foram às impressões que eu tive antes de vir para cá.

Percebe-se, nesse cenário de respostas, um perfil sociocultural representado pelo estrangeiro diante do perfil imagético-cultural do Brasil. Há na verdade um importante processo assimilativo que *ad hoc* se faz sentir no primeiro momento em que esses sujeitos chegam ao país estrangeiro.

Como afirma Joly, (2007, p. 85):

Recorremos também à noção de produção simbólica do antropólogo Lionel Vallée (1985), que procuraremos esquematizar simplificada em quatro ordens de fenômenos: a *natureza*, a mediação das relações do homem com a natureza do sistema de representações simbólicas que define a *cultura* (ela se manifesta por traços culturais) de onde nascem os modelos de interação entre indivíduos (ou, o tipo de *sociedade* proposto) e, enfim a estrutura construtiva da *personalidade* e suas relações com a cultura da qual decorre.

De acordo com o quadro abaixo, é possível analisar com mais afinco o processo sociocultural pelo qual o homem é passível de passar.

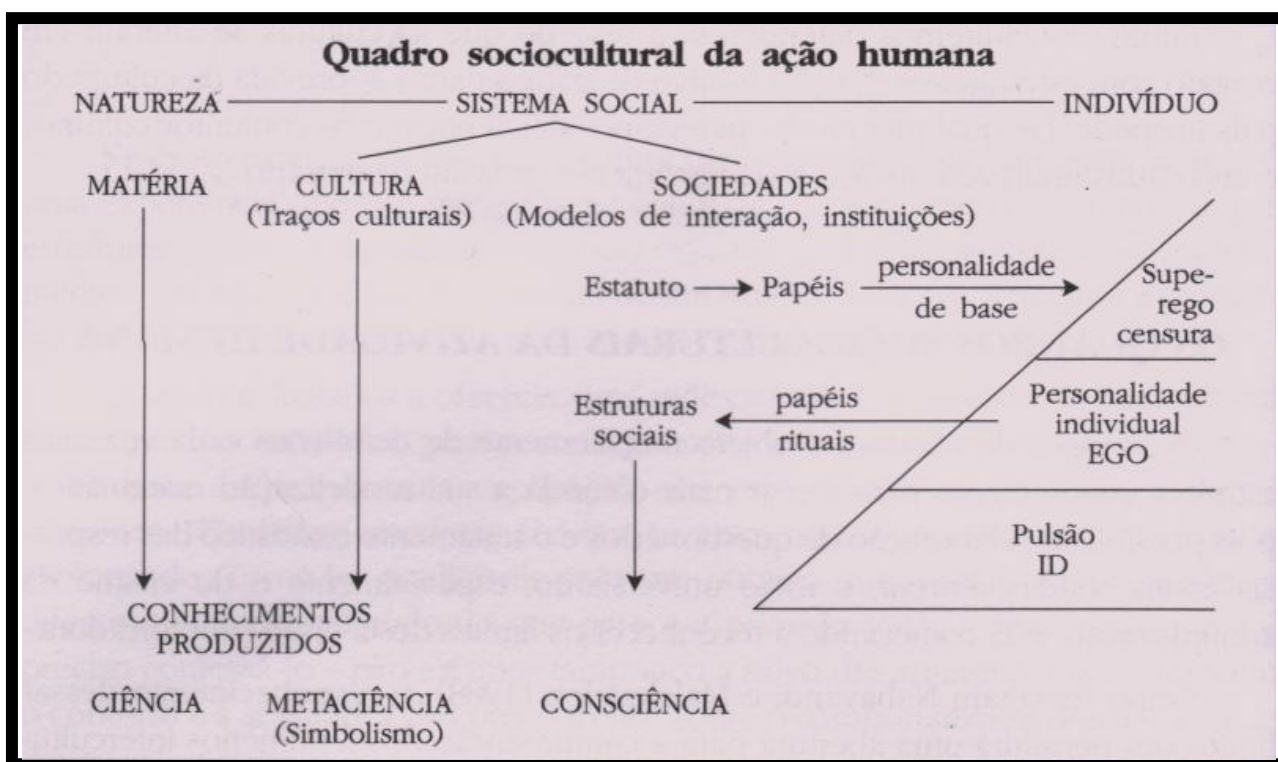


Figura 2 – Quadro Sociocultural da Ação Humana  
Fonte: Joly, 2007 p. 86

É claramente possível perceber que as injunções culturais nesses sujeitos são factíveis. Essas mesmas injunções levarão o estrangeiro (os angolanos) a um exercício adaptativo da cultura local (a brasileira), pois essas farão uma revolução sobre a sua personalidade, o que desenhará uma nova relação com a natureza e o sistema social no qual estão inseridos.



Para Lionel Vallée, o ser humano se insere num conjunto cultural, do qual uma das funções é dar um sentido a suas relações com a natureza. Os conhecimentos oriundos do sistema de representações simbólicas são o que chamamos de “ciência” para a natureza, “consciência” para as relações sociais e de “metaciência” para o sistema de representações simbólicas. Mais uma vez, o conjunto destes conhecimentos confere ao mesmo tempo uma competência social ao indivíduo e um sentido a sua ação sobre a natureza (JOLY, 2007, p. 86).

Esse processo de assimilação e de novo relacionamento que os angolanos entrevistados apresentam nas suas respostas mostram também o sistema de cultural de crenças, traduzidas de seus locais de origem, no interior de Angola quando se debruçam em traçar a sua origem familiar e étnica. Isto nos leva a perceber que esse sistema de crenças é carregado de inúmeros valores simbólicos culturais do país de origem propiciam a produção de sentido nas suas vivências no Brasil. Pois, “esta função de produção de sentido – que é própria de toda a cultura – marcará o cotidiano de seus membros em relação à alimentação, à linguagem, à higiene, ao tempo e à morte” (JOLY, 2007, p. 88).

Portanto, as modalidades de integração desses angolanos no território brasileiro faz romper com algumas crenças idiossincráticas e, ao mesmo tempo, produz outras necessárias para o efeito. Tal situação nos faz recorrer às três partes da estrutura freudiana da personalidade, como referencia o quadro acima: o *super ego*; o *id*; *ego*.

Com aponta Joly (2007, p. 89), “o superego’ é o centro gravitacional da personalidade de base, proposta pelo conjunto cultural da qual faz parte o indivíduo, e as injunções da personalidade básica virão constituir as censuras que o superego impõe ao *id*. Em outras palavras, o “superego” é o lugar de integração da personalidade de base, veiculada pelo sistema social, e das características do subgrupo ao qual pertence o indivíduo: classe social, idade, sexo, família, etc.” Estas tensões terão uma recorrência entre as pulsões do inconsciente e as injunções do conjunto cultural.

“O peso relativo ao nível do “eu” das injunções culturais emanadas do superego de um lado e das pulsões surgidas do inconsciente de outro lado ou da personalidade individual determinará o grau de adesão às normas da personalidade básica. É a

partir dessa leitura que se poderá situar o indivíduo em relação ao seu próprio cerne cultural de origem” (JOLY, 2007, p. 90).

Nesse processo, esses angolanos passam a viver numa “espécie de esquizofrenia, esforçando-se a conciliar as duas ordens de exigências”(JOLY, 2007) culturais do país de origem e, necessariamente, do Brasil.

Lembramos mais uma vez que a cultura e a personalidade individual (ou seja, o resultado de uma arbitragem entre tensões sociais e pulsões individuais) são as bases da identidade pessoal. Compreender-se-á facilmente que nestas condições a experiência intercultural representa uma séria ameaça para a estrutura desta identidade pessoal, porque o indivíduo está exposto ao mesmo tempo a conjuntos culturais diferentes e a estruturas de personalidade cujo funcionamento só pode ser decodificado através dos modelos fornecidos por sua cultura de origem” (JOLY, 2007, p. 92).

Neste íterim, os mecanismos de defesa desses sujeitos são dos mais variados, pois se deparam com situações diversas que os instiga a preservar e defender a sua personalidade e integridade pessoal. Em um dos trechos dos entrevistados, é possível perceber tais situações e os seus mecanismos de defesa:

**E3** – Já tinha muitas informações sobre o Brasil, dificuldades, acesso a estudo, a trabalho, mas mesmo assim vi que as nossas dificuldades em Angola eram maiores e vi que as dificuldades aqui no Brasil seriam superadas assim fáceis. Não foi isso. Comi o pão que o Diabo amassou! Foi duro de roer, mas também não foi um bicho de sete cabeças.

**E4** – o que eu mais via do Brasil era a violência, a TV Globo e a Record transmitem para a gente a violência, que naquela altura estava intensa no Rio e também a questão da mulherada. Brasil todo mundo sabe que é o país das maravilhas, quanto à mulher. Mas também já me confundiram com traficante do morro. Às vezes quando ando na rua, pensam que sou um assaltante em ação. Só depois que vão ouvir o meu sotaque é que mudam de opinião.

Assim, “encarar a experiência de inserção numa outra cultura como abertura para a outra obriga-nos a passar por certa desestruturação da personalidade. Esta desestruturação causada pela experiência intercultural é a primeira causa das dificuldades enfrentadas no estrangeiro, porque atinge a identidade pessoal nos seus próprios fundamentos” (JOLY, 2007, p. 92).

## 4.2 Traços Culturais

### 4.2.1 A Hierarquia

Em todas as sociedades, há uma estrutura cultural que envolve níveis hierárquicos no seu bojo social e identitário.

“Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura da sociedade” (HOLANDA, 2006, p. 141).

Neste item, procuraremos mostrar algumas posições dos sujeitos da pesquisa a respeito da sua opinião sobre a rigidez hierárquica, a centralização do poder e a passividade dos indivíduos na base inferior da sociedade brasileira.

Com afirma Freitas (1997, p. 46), “a família patriarcal nos forneceu o grande modelo moral, quase inflexível, que regula as relações entre governados, definindo as normas de dominação, conferindo a centralização de poder nas mãos dos governados e a subordinação aos governados.” Esse traço brasileiro é um legado deixado pelos portugueses os quais adotaram um sistema de governo colonial baseado na “família patriarcal” (FREITAS, 1997).

De um lado, o autor afirma que a democracia racial sugere uma democracia social na medida em que a tolerância étnica do português foi o principal amortecedor das relações que aproximaram e em certa medida igualaram as diferentes raças, de outro, é flagrante que não houve um encontro tão harmonioso entre dominantes e dominados e o mestiço é, sobretudo filho de um estupro. Dessa forma, ao ressaltar o caráter sadomasoquista implícito nas relações inter-raciais, Freyre sugere também uma pré-disposição do brasileiro a um tipo de prazer-com-violência que de certa forma legitima um regime autoritário nas relações, cujo algoz principal é o patriarca. Este por sua vez, ocupa a função de engenheiro com pleno domínio político, econômico, social, cultural e sexual de todas as instâncias da Casa Grande que é por excelência, segundo Freyre, o núcleo das relações sociais no contexto colonial (Rosa et al, 2006, p.10)

Como mostram as entrevistas:

**E1** – Primeiro é que aqui no Brasil, todas aquelas pessoas com nível social mais baixo são discriminadas. Então elas não têm acesso a muitas informações, não têm acesso a muitos benefícios, enfim não têm acesso a uma série de fatos ou

fatores importantes que lhes pudessem colocar na sociedade pouquinho mais além do que daquelas em que estão até hoje. Se você me perguntar se existe certa rigidez, eu diria que não é que existe. Se existe, existem facilidades para quebrar essa rigidez. Porque tenho visto nesses nove anos que estou no Brasil, hoje quando as pessoas me perguntam eu sou Angolano, mas já vivo como brasileiro. Então toda a minha cultura, todo o meu dia a dia vivo intensamente como brasileiro. **Você assimilou isso.** Sim eu assimilei isso e eu tive que assimilar isso porque, se eu não simulasse, eu iria ter muita dificuldade de me inserir na sociedade brasileira e eu fui chamado atenção antes de vir para o Brasil, e quando cheguei uma semana depois recebi telefonemas de Angola de pessoas que já tinham experiência, e eles chamaram a atenção do fato de você se inserir na sociedade e, com isso, você vai encontrar as coisas de um jeito diferente.

É possível perceber claramente que o **E1** mostra na sua vivência com o Brasil situações institucionais locais que lhe parecem estranhas e confusas, mas das quais não pode fugir. Há, na verdade, um processo de simbiose *ad hoc* que o faz buscar as artimanhas necessárias para poder sobreviver às ingerências do sistema.

Nas comunidades aristocráticas, onde um pequeno número de pessoas dirige tudo, o convívio social entre os homens obedece a regras convencionais estabelecidas. Todos conhecem ou pensam conhecer exatamente as marcas de respeito ou atenção que devem demonstrar, e presume-se que ninguém ignore a ciência da etiqueta. Os costumes e praxes estabelecidos pela primeira classe da sociedade servem de modelo a todas as outras, cada uma das quais, por sua vez, estabelece seu código próprio, a que todos os seus membros são obrigados a obedecer (Alexis de Toqueville, citado por DAMATTA, 1997, p. 188).

O mesmo entrevistado ainda reforça:

**E1** – Então se for dizer algo sobre a rigidez na hierarquia, vou dizer assim que eu cheguei em 2000, fiquei quase dois anos ou coisa parecida sem os documentos por causa da centralização ... eu acho que é a centralização do poder mesmo, se assim for dizer ... porque todos os documentos que nós temos de adquirir em qualquer ponto do Brasil que nós chegarmos a requerer, eles irão todos para Brasília. Então é um processo moroso que demora muito tempo, então isso acaba prejudicando um pouco justamente porque todas as decisões políticas são todas lá em Brasília. Tempo que demora em se resolver essas situações, é mesmo pelo fato da própria história do Brasil. A capital política do Brasil é no Distrito Federal, onde estão concentrados todos os órgãos do poder. De certa forma eu me senti prejudicado porque perdi dois anos sem estudar. Então isso para mim foi negativo. Existe sim uma rigidez na hierarquia, aliás existe uma exigência que se respeite as hierarquias. Mas também tem essa questão da centralização do poder, que é muito forte.

**E2** – Sim o que eu pude perceber é que aqui existe muita hierarquia. Mas às vezes é confusa. A exemplo de Minas Gerais, o Aécio Neves, acho que ele é neto do Tancredo Neves. Ele meio que herdou dos pais isso aí de dominar. E eu acho que os outros abaixam a cabeça mesmo sem saber do que se passa. Porque na verdade eles não têm informação, às vezes, eles não sabem o poder

que eles têm na mão. Então para eles está tudo bem. O que pude perceber é isso sim. Pude conhecer alguns amigos, que moram em favela inclusive, que não estudaram. Então eles não têm informação. Pra eles, eles nasceram para ficar daquele jeito mesmo. O que eu pude perceber é que eles acham que não tem mais como mudar, porque o que falta é informação para eles. E vivem do jeito deles mesmo. Se viram. E esse negócio de hierarquia no caso. Eu percebo que na UFMG onde eu estudo, as pessoas de classe alta se envolvem mais com pessoas de classe alta mesmo, e pobre se relaciona com pobre mesmo, isso eles deixam bem claro mesmo. Pobre anda com pobre e rico anda com rico, isso eu pude perceber dentro da universidade.

**E3** – Eu acho que pela história do Brasil, vejo que não tem como. O Brasil eu vejo que é um país tão complicado que é meio difícil você conseguir superar essas dificuldades, superar esse nível de hierarquia tão rígido que tu citas aí. Porque eu vejo que a história do Brasil ainda está muito recente; as pessoas meio que tanto os políticos quanto as camadas superiores da sociedade eu vejo que têm uma dificuldade de estar se desfazendo desse benefício do coronelismo que criaram. Coronelismo é muito forte e isto mesmo justifica a fragilidade das camadas inferiores da sociedade. As pessoas têm que ficar só assistindo mesmo. Eles não têm poder de mudança das coisas assim muito maior do que as outras sociedades.

**E4** – Partindo da questão hierárquica aqui, na questão da rigidez, eles são tão rígidos na questão da documentação você sendo estrangeiro não pode estar com nenhuma documentação vencida, não pode passar nem um dia, passa-se um dia, tem multa. Então já me aconteceu isso. E também tem outras questões, que por mais que você fique no estrangeiro, cometas um crime, mesmo que seja leve, eles fazem investigações por trás disso. E a qualquer momento, quando você se assunta com aquele evento, você se assusta ... como é que eles conseguiram tantas provas? Então nessa questão eles são rígidos e na questão da centralização do poder no Brasil eu acho que as coisas estão mais na mão dos homens da política e os ricos do Brasil.

Diante dessas posições dos entrevistados, há, na sociedade brasileira, “um formato das relações que se mostram inflexíveis, mas ao mesmo tempo flexíveis para uma certa ala da sociedade.

Como agravante desta hierarquização das relações sociais, somos uma sociedade miscigenada, de várias cores intermediárias, de gradações infinitas. Isto implica termos múltiplas possibilidades de classificação na sociedade. Podemos, por exemplo, situar as pessoas pela cor de pele ou pelo dinheiro, pelo nome de sua família ou até pelo carro que usam. Deste modo, nossos preconceitos raciais são velados e são quase despercebidos, pois ficam encobertos por uma malha de variações dificilmente definidas. Esses preconceitos velados não deixam de ser uma forma de discriminar, de impor diferença, de relembrar que é superior nesta sociedade (DaMatta, citado por FREITAS, 1997, p. 46)

Essa experiência vivida pelos estudantes angolanos em BH se faz sentir no âmbito assimilativo dos traços culturais como forma de sobreviverem e terminarem os seus estudos. Tal experiência cria uma certa turbulência no seu perfil de personalidade e

identitário, sabendo que esses trazem consigo traços das suas culturas tradicionais e étnicas africanas.

A afinidade entre Angola e o Brasil se dá mediante a aproximação cultural e linguística de ambos, em função do tráfico negreiro que se deu nos cinco séculos anteriores ao nosso. Mas, apesar dessa proximidade, é possível existirem embates culturais quando esses sujeitos se deslocam para o Brasil. Do ponto de vista organizacional, “adaptar-se ao ambiente significa estar constantemente evoluindo e adotando estratégias que os tornem competitivos. Manter a coerência interna requer, principalmente, ter indivíduos executando com eficácia e eficiência suas funções e subsistemas organizacionais, trabalhando com interdependência e harmonia” (HOMEM, DELLAGNELO, 2006, p. 4).

Para Luz (1999), o grande desafio do executivo internacional é vencer a perspectiva do paroquialismo, pois ser paroquial é não reconhecer outros mundos diferentes de viver e trabalhar; é a tendência de ver o mundo pela ótica da própria cultura e não considerar que essas diferenças têm conseqüências sérias. É dentro dessa perspectiva que as organizações globais têm aumentado a procura de executivos cosmopolitas, que tenham experiências de pessoas e coisas de diferentes partes do mundo. Ser cosmopolita pode ser considerado como sinônimo de ter maior facilidade para lidar com situações que requeiram experiências *cross-cultural*, e, de forma mais ampla, é a capacidade de integrar imperativos aparentemente contraditórios (HOMEM, DELLAGNELO, 2006, p. 4).

#### **4.2.2 Personalismo nas instituições sociais**

A respeito do personalismo, é possível perceber tal traço no dia-a-dia dos brasileiros, na convivência informal, especialmente na convivência do trabalho e na esfera social.

A sociedade brasileira, logo depois da “formação do Estado Novo independente, o que poderia representar a integração da economia brasileira ao mercado mundial, colocou a ordem escravocrata e patriarcal no nível estamental político e legitimado democraticamente, conferindo condições materiais e morais muito mais poderosas que em seu passado” (FREITAS, 1997, p. 47).

Neste contexto, os homens de negócios, que logravam peremptoriamente em se ligar ao sistema capitalista, aspiravam igualmente “a um estilo de vida aristocrático,

para atingir um *status* senhorial” (FREITAS 1997, p. 47), criando-se assim uma sociedade baseada em privilégios.

Como apontam os entrevistados (E):

**E1** – Ah eu acho assim, pela condição até mesmo social da maior parte dos brasileiros em alguns casos, não estou querendo generalizar, o informalismo é até muito presente, como até bem vindo. Bom, uma coisa quando cheguei aqui no Brasil a primeira, uma das primeiras orientações, e eu tive foi com brasileira, a minha primeira namorada, e como nós vivemos em uma área de risco, que era uma favela e questões todas, ela percebendo que eu era uma pessoa nova, uma das primeiras coisas que ela me falou foi isso cuidado com brasileiro que ele sempre gosta de levar vantagem. Ela não foi à única, quase todo brasileiro fala isso. Isso tem haver com o código entre eles. Mas se for usar com métodos menos ortodoxos ... eu acho assim se for brigar de igual para igual, se for para conseguir qualquer vantagem, usando os mesmos mecanismos não tem nada de errado.

Agora se você me perguntar para me ter na mão, para depois tirar vantagem, eu acho que isso não é só do brasileiro, eu acho que é de todos os povos mesmo. Se você perceber que isso tem aqui no Brasil, isso tem em Angola, existe em qualquer outro lugar. São questões mais de interesse, depende do que está em jogo.

**E2** – É que nem você falou é mais na base da informalidade, na verdade é que tem o chamado jeito brasileiro. O jeito brasileiro, eles dão um jeito sempre para forjar alguma coisa assim.

“Diante disso, diria que, no Brasil, vivemos certamente mais a ideologia das corporações de ofício e irmandades religiosas, com sua ética de identidade e lealdade verticais, do que as éticas horizontais que chegaram com o advento do capitalismo ao mundo ocidental e à nossa sociedade” (DAMATTA, 1997, p. 195). Essa forma de organização leva a um colapso de relacionamento entre o indivíduo e a organização, trazendo consigo inseguranças e incertezas para ambas as partes.

Em algumas localidades de Angola, por exemplo, diz-se que o homem é reciprocidade, ele tem consciência de que fora da comunidade, a vida não pode manter-se porque é comunitária e dependente. O caráter comunitário exige que sejam também comunitários os processos dentro dos quais os indivíduos exercem sua mobilidade social (FRANCISCO, 2002, p. 46).

Como apontam os entrevistados:

**E2** – Você tem que entrar no jeito, você tem de seguir o rumo da dança. Se for para dançar samba, você tem de dançar samba, você não pode dançar outro ritmo com samba, tem de dançar o ritmo da música. Eu me lembrei de algo, mas não sei se tem a ver com a sua pergunta. Na minha casa, com os brasileiros, se ele me empresta alguma coisa, eu tenho de emprestar para ele. O que eu pude

perceber é isso. No caso de um amigo meu lá, ele me emprestou vários filmes, mas ele também quer que eu lhe empreste. Até tenho como exemplo a corrida da fórmula 1, na final que o Halmilton estava disputando o campeonato com o brasileiro Felipe Massa. Aí eu estava torcendo pelo Halmilton. O pessoal lá em casa não aceitou isso. Porque eu estava no Brasil eu tenho de torcer para o brasileiro. Eu falei não, não necessariamente. Eu estou no Brasil, mas estou torcendo pelo Halmilton. Eles falaram, não! Você tem de torcer pelo brasileiro porque você está no Brasil, porque o Brasil está te dando educação, moradia. Então tem de torcer pelo Brasil. Senão, você fica meio que mal com o pessoal. Você tem de aceitar.

**E3** – A minha opinião por ser um povo tão sofrido, sofredor, sofrendo muito pelas dificuldades que suas camadas superiores passam para as camadas inferiores, vejo que é um jeito deles superarem dificuldades. Porque se for para eles seguirem os parâmetros aqui das leis e por aí vai, seria mais traumático para eles estarem superando alguma coisa e estarem buscando algumas vantagens que eles podem estar compartilhando na sociedade como um todo. Você aqui no Brasil não tem como você fugir. E todo mundo aqui consegue identificar esse lado do Brasil, esse conservadorismo. E um exemplo mais forte é Minas Gerais que representa grande parte da sociedade brasileira e sem dúvida alguma isso tá em todas as classes e organismos da sociedade brasileira. Muito forte ainda, os grandes dominam os mais fracos a troco de favores. Infelizmente é o que eu identifico.

Há de fato um sistema de regras que são outorgadas de forma polida, mas que, na verdade, são leis instituídas de forma vertical e não horizontal. Isto é, os sujeitos com plenos poderes na hierarquia social e econômica legislam sobre os indivíduos do baixo escalão social e econômico sob pena de estes serem punidos. Desta forma, “as regras de polidez formam um complexo sistema de legislação, difícil de ser dominado perfeitamente, mas do qual é perigoso para qualquer um desviar-se; por isso, os homens estão constantemente expostos a infligir ou receber, involuntariamente, afrontas amargas” (Alexis de Toqueville, citado por DAMATTA, 1997, p. 188).

**E4** – O meu ponto de vista eu posso afirmar que existe muito paternalismo. Porque o que acontece com o brasileiro, ele faz a coisa para ele, ele não gosta de perder tempo. A questão do tempo é dinheiro. Se eu sei que vou ter benefícios nessa coisa, eu vou ter que arrumar uma alternativa na questão do suborno.

A cordialidade passa a ser um marco nas relações pessoais no Brasil como forma de se manter em alguns espaços e também para conseguir certos benefícios.

Como aponta Rosa:

A figura do *homem cordial* que retrata o tipo ideal que circula no mundo social



fora da família. Uma figura que transborda afetividade e caracteriza a capacidade do brasileiro de ser generoso, afável e acessível diante da estrutura hierárquica da sociedade. Na verdade, trata-se de uma postura que visa suprimir as distâncias impostas pela hierarquia e assim, ultrapassar o formalismo que marca as relações sociais dando a elas um caráter mais pessoal. Para alguns autores (REIS, 1999; SOUZA, 2000), a figura do “homem cordial” carrega consigo certo cinismo, pois a cordialidade no trato com o outro acontece apenas nas relações entre pares, ou seja, entre pessoas no mesmo nível sócio-econômico e não na relação superior-subordinado. Nesta, pelo contrário, prevalece o autoritarismo e os maus tratos. Principalmente se a relação se caracterizar por algum tipo de ameaça ao *status quo*. De outra forma, quando as posições são estáveis, o trato com o subordinado torna-se condescendente e paternalista. (Rosa et al, 2006, p.10)

É exatamente a lei do compadrio. Segundo Freitas (1997), como já se referendou anteriormente, o brasileiro tem ciência de, ao ingressar em uma organização buscar imediatamente um bom padrinho que lhe irá reservar um lugar especial para se fixar e ficar sossegado.

Como afirma Holanda (2006, p. 147), “no homem cordial, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros”.

#### **4.2.3 Malandragem e o “Jeitinho”**

Diante do que já se tem exposto ao longo da teorização deste trabalho, as relações interpessoais se dão sempre mediante interesses das mais diversas ordens. “O modo de navegação social” (DAMATTA, 1986) no Brasil não foge à regra. “O dilema brasileiro reside numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito é o indivíduo e situações onde cada qual se salva e se despacha como pode, utilizando para isso o sistema de relações pessoais” (DAMATTA, 1986, p. 95).

Nesse sentido, é possível constatar a assimilação desses traços pelos entrevistados como forma de sobreviver e sobressair nos seus espaços de interação social.

**E1** – Quando eu assumo que sou angolano, africano e absorvi completamente como se vive no Brasil é claro que não vou dizer que não, e também não vou dizer que nunca fiz uso. As pessoas têm também que saber interpretar o que é o jeitinho brasileiro. Porque às vezes as pessoas levam essa palavra só na maldade, mas assim eu acho que não é. O jeitinho brasileiro não é só levar vantagem, não é ser malandro. O jeitinho brasileiro é ajudar o próximo, por exemplo, se não tem emprego, está desempregado você compra uma caixa de pirulito e vai vender é o jeitinho brasileiro. Você está procurando um jeito de sobreviver. Que nem eu. Tenho feito ginástica para sobreviver nessa faculdade, mesmo por conta da minha situação econômica, tenho usado o jeitinho brasileiro para sobreviver na universidade, para continuar com os estudos, porque se não é o jeito brasileiro não tem como não. Fica difícil.

A postura desse entrevistado (**E1**) mostra a real situação a que estão afeitos os próprios brasileiros, principalmente, os de baixo poder social e econômico, forçando-os a fazerem uso do “jeitinho”. Historicamente, a formação da sociedade brasileira foi feita não num triângulo racial como muitos autores advogam. “O fato contundente de nossa história é que somos um país feito por portugueses brancos aristocráticos, uma sociedade hierarquizada e que foi formada dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios. Os portugueses já tinham uma legislação discriminatória contra judeus, mouros e negros, muito antes de terem chegado ao Brasil” (DAMATTA, 1986, p. 46).

**E1** – Então quando eu falo que uso o jeito brasileiro é para várias outras coisas assim digamos, na universidade você quer tirar um Xerox, às vezes você não tem dinheiro na altura, tem que chegar com o jeitinho brasileiro e conversar com o dono do Xerox, “me deixa eu tirar um Xerox que eu pago daqui a dois dias”, ... já fiz isso várias vezes, então esse é o jeitinho brasileiro. Que no outro dia eu vou lá e falo desculpa aí, demorou dois, três dias mas está aí seu dinheiro. E vou dizer que faço isso quase que constantemente. Então esse é o jeitinho brasileiro do lado brasileiro, não dá para querer julgar falar, que o jeitinho brasileiro é apenas, conotar como uma questão negativa não. O jeitinho brasileiro eu acho que é o jeito do cara esforçado, eu acho que é o jeito do indivíduo para além de se esforçar, fazer mil e uma coisas que não prejudiquem o seu próximo, para que seus sonhos, suas realizações sejam completadas. Bom eu já acho assim o jeitinho brasileiro, para burlar a lei, está errado e não concordo com isso. Mas existe. E as pessoas usam isso.

Ainda como aponta DaMatta (1986, p. 99),

O ‘jeito’ é um modo e estilo de realizar. Mas que modo é esse? É lógico que ele implica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos – ou no caso – de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal ambigüidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em

geral o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que está utilizando.

Nas palavras dos seguintes entrevistados (E), há também a prova dessa prática com o uso de um discurso inteiramente maleável e amistoso para se ter um resultado benéfico de um pedido diante de uma autoridade ou de outrem. “O ‘jeito’ tem muita de cantada, de harmonização de interesses aparentemente opostos, tal como ocorre quando uma mulher encontra um homem e ambos, interessados num encontro romântico, devem discutir a forma que esse encontro deverá assumir” ( DAMATTA, 1986, p. 101).

Sabe-se que, em alguns casos, o processo assimilatório de um traço qualquer se dá de forma branda e pouco perceptível enquanto as pessoas vão vivendo. Portanto, alguns dos entrevistados mostram claramente esse ponto. Isto é, o sujeito já está tão imbuído no sistema das relações sociais brasileiras que nas suas ações tudo se parece normal e natural.

**E2** – Percebi sim. Foi na faculdade. Acho que um colega meu perdeu uma prova, só que conversou com o professor naquele jeito brasileiro, conseguiu fazer a prova em outro dia mesmo sem atestado, só no jeitinho brasileiro falando com ele. E com certeza faço isso também. O jeitinho brasileiro também uso quando preciso.

**E3** – Eu acho que não. Eu vejo que isso não me faz ter assim algo a mais. Provavelmente só na questão de pegar mulher e por aí vai. Geralmente eu estou acostumado do jeito que a nossa burocracia é muito grande, mas mesmo assim eu gosto da burocracia e gosto de seguir as regras mesmo, não gosto de sair desse caminho.

**E4** – Eu absorvi isso sim, porque quando eu cheguei era muito assim, meio acanhado da primeira vez. Mas eu vi que era necessário fazer mudanças para que eu consiga o que eu quero, eu preciso me entrosar com eles. Então era necessário pegar aquele jeitinho dele. “Poxa professor, ajuda aí!” Aí se eu puxasse papo conversa ... Então se você tem o jeitinho brasileiro de puxar a conversa, e ele percebe o sotaque, ele não fica mais com medo, o medo dele some.

“A malandragem, como outro nome para a forma de navegação social nacional, faz precisamente o mesmo. O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DAMATTA, 1986, p. 102). Esse recurso social é visto inicialmente pelos expatriados como algo ruim e antiético. Já no momento em que esses sujeitos vão se enturmando, esquecem-se dos seus

princípios do país de origem, ou pelo menos, deixam engavetados por forma a conquistar os seus objetivos. Em Angola, de acordo com as respostas, as relações sociais, como aponta o E4, passam a ser consideradas, em alguns aspectos, rígidas.

**E4** – E que em Angola é diferente. Já em Angola o professor é mais rígido, ele é sacana, mau. O que ele faz é ensinar algo para o aluno, mas não incentiva o aluno a investigar, na prova ele dá o que você não investigou.

Em algumas constatações feitas pelo autor deste trabalho, no território angolano, os sujeitos que tiveram um contato com o Brasil em termos estudantis e de trabalho, levam tais traços para os seus estabelecimentos de trabalho. São pessoas com maior desenvoltura profissional e estabelecem um tipo de relacionamento muito mais cordial entre as suas equipes de trabalho.

#### **4.2.4 A percepção da malandragem como valor social**

Não se pretende, com este trabalho, criticar a cultura brasileira, nem fazer dela um “bode expiatório” em termos de desestruturação identitária dos estrangeiros que vêm para o Brasil. Faz-se aqui um estudo quase analógico dos traços trazidos pelos expatriados, como sendo um acontecimento que se processa de forma natural quando alguém decide morar em outro local diferente em termos culturais.

Portanto, a malandragem apresenta um outro lado. O lado do bom camarada.

Gente como Malasartes, que foi capaz de realizar uma série de transformações impossíveis ao homem comum. Assim, ele superou a exploração econômica e política do seu trabalho, condenando o fazendeiro que o espoliava. Conseguiu também transformar a imobilidade da miséria numa venturosa vida de viajante sem pouso ou casa, situação de onde pode enxergar tudo e ganhar novas experiências. Pedro Malasartes foi também capaz de proezas incríveis, como explorar os ricos, vender merda como fosse riqueza e levar a honestidade ao meio de pessoas desonestas (DAMATTA, 1986, p. 104).

Busca-se aqui mostrar as várias formas de viver que a própria vida oferece a qualquer homem e em qualquer sociedade. “Assim, Pedro Malasartes, como todos os malandros, talvez nos diga que é preciso tomar consciência desses dois lados para poder escolher uma vida digna” (DAMATTA, 1986, p. 104).

O mesmo autor reforça:

A malandragem, assim, não é simplesmente uma singularidade inconsequente de todos nós brasileiros. Ou uma revelação de cinismo e gosto pelo grosseiro pelo desonesto. É muito mais que isso. De fato, trata-se mesmo de um modo – jeito ou estilo – profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes de sobreviver num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres. Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o “jeitinho” promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta. (DAMATTA, 1986, p. 105)

Não há, em Angola, diferenças extremas no que tange a esse traço. É um fato social que se pode encontrar em quase todos os lugares do mundo, porém com uma roupagem diferente, relativa ao local. O homem precisa de mecanismos para se afirmar em qualquer lugar.

**E2** – Então eu acho que é por ser estrangeira mesmo. Foi um pouquinho mais de resistência para ser aceita. Quando eu comecei a participar, a falar na turma, fazer perguntas, apresentar trabalhos aí sim eu acho que as pessoas conseguiram conhecer um pouquinho mais de mim, saber que eu tinha coisas bem semelhantes. Que Angola também falava português, que eu não aprendi aqui. Aí foi mais fácil a integração.

**E2** – A gente tem de assimilar, se não vai mal em todas as provas. E eu também senti dificuldade em uma coisa, em Angola a gente é muito direta, muito específico. Objetivo. Se você perguntou você quer chá, eu falo sim ou não. E nas provas a gente tinha essas dificuldades. O professor perguntava o que é isso e a gente dava a definição e pronto. Qual a diferença disso para isso? Você colocava a diferença e pronto. Mas eu sentia dificuldade porque aqui no Brasil você não coloca só a diferença, você coloca a definição você coloca a diferença, você argumenta por quê. E nas primeiras provas eu tive nota baixa porque eu falava apenas aquilo que me era perguntado. Sem argumentar que lá em Angola a gente tem. Aqui você tem que fazer rodeios para falar aquilo que já se sabe.

Percebe-se nessa fala da E2 um exercício inexorável de busca de entendimento dos traços culturais para uma inserção efetiva na sociedade acadêmica. “A experiência internacional exige do expatriado uma abertura de espírito, o estímulo pelo desafio, a curiosidade quanto ao diferente, uma genuína capacidade de observação e de leitura de cenários, bem como o respeito a uma realidade cultural e simbólica diferente da sua” (FREITAS, 2009, p. 292).

Apesar da língua oficial dos dois países ser a mesma (o que pressupõem

similaridades culturais), ainda assim, há um embate entre os sujeitos que estudam ou trabalham no Brasil. Tal fato, como já se abordou na teorização deste trabalho, se dá em função do mosaico cultural tradicional angolano ser marcante nas relações sociais naquele território. Portugal deixou suas heranças lusitanas na cultura angolana. Mas a resistência a ela, encadeada pelos autóctones, fez com que a valorização e o uso dos traços culturais tradicionais de cada etnia fossem preservados, em vários aspectos, diferentemente do que ocorreu no Brasil com o extermínio dos índios.

Diz-se valorização da cultura tradicional angolana em vários aspectos, pois uma pequena porcentagem dos nativos sofreu um processo de aculturação diferente do costumeiro, sendo estes denominados os *Assimilados*. Ora, como aponta Boavida, citado por Francisco (2002, p.50):

Após a segunda grande guerra mundial, uma das características principais da política colonial portuguesa em Angola foi o desenvolvimento da imigração branca, seduzida pelos lucros elevados proporcionados pela agricultura. A população negra, com grande crescimento demográfico, encontrava-se distribuída por territórios cada vez mais reduzidos e era obrigada a emigrar para os países vizinhos e aí conseguir trabalho. Angola assumiria, assim, ao mesmo tempo, um papel de colônia de povoamento e de exploração. Do mesmo modo que em outros territórios coloniais sob dominação portuguesa, Angola constituiu-se também em colônia penal e em refúgio dos desempregados.

“É esse novo quadro político e econômico que a noção de assimilado e o princípio de integração adquirem uma nova densidade sociopolítica. Os indígenas poderiam então tornar-se *assimilados*, categoria que se caracteriza por uma situação indefinida entre duas águas: nem africanos, nem europeus, apenas cidadãos portugueses de pele escura” (Henriques, citado por FRANCISCO 2002, p. 50).

“O *assimilado* era o único negro que podia ter um bilhete de identidade, podia ser cidadão, não participava dos trabalhos forçados e podia se beneficiar das leis e dos tribunais para os colonos, mas não tinha acesso à cultura da metrópole da qual ele permanecia totalmente ignorante” (Abranches, citado por FRANCISCO 2002, p. 50).

Esse processo de assimilação desaparece tão logo Angola conquistou a sua independência do jugo colonial português, em 1975, depois de cinco séculos de dominação. Note-se que, até esse período da história, os *assimilados* não chegavam

a 1% da população africana.

Após a independência, como já disse anteriormente, Angola passa a ter um relacionamento bastante próximo com o Brasil, do ponto de vista político e seguidamente econômico e cultural.

E apesar da aproximação cultural que vem sendo, cada vez mais, encetada pela mídia brasileira (novela, filmes, etc.) no território angolano, não tem significância de um conhecimento científico da cultura brasileira que facilite a assimilação dos traços culturais brasileiros por parte dos expatriados.

“É de domínio público que uma das grandes dificuldades do ser humano é a de desenraizar-se de sua cultura e adaptar-se a um novo contexto. Ainda que o mundo atual seja caracterizado pela grande facilidade de produção e veiculação de informações sobre qualquer tipo de assunto, a vivência em outro país não é definida apenas por elementos cognitivos, ou seja, o conhecimento a bem vivê-la” (FREITAS, 2009, p. 292).

Viver em outro país significa outra vida, fazer novas representações e dar significados diferentes a coisas que já eram familiares; é renunciar ao estabelecido; atentar para comportamentos comuns e corriqueiros que podem ser considerados inadequados, bizarros ou ofensivos; é procurar enxergar o mundo com os olhos do outro para compreender como se é visto por ele. Nesse sentido, essa é experiência de reassociar emoções com fatos e gestos familiares e ao mesmo tempo estranhos; aprender a ler as linhas e entrelinhas que revelam simultaneamente a estranheza e a familiaridade, provocando confusão de referências, sentidos e emoções já estabelecidos. Dificilmente, um ser humano passa por uma vivência dessa natureza sem ser por ela tocado intimamente, pois nela nenhum conteúdo é separado de afetos (FREITAS, 2009, p. 293).

Diferentemente de quem apenas passa pelo país, o expatriado experimenta as mazelas dos nacionais e, ao mesmo tempo, os problemas de ser de um país-hóspede. “O expatriado é alguém que, diferente do turista, não pode se conformar em ser apenas um *voyeur*, pois ele reconstrói-se no batismo do reino do cotidiano, com suas rotinas, detalhes, expectativas e mazelas. Ele também faz acontecer, devendo, portanto, enfrentar e reacomodar psicologicamente os seus eventuais desconfortos e frustrações” (FREITAS, 2009, p. 293).

Segundo Freitas (2009), o homem necessita do outro para construir a sua auto-referência. Isto é, quando se fala de manifestação de identidade, o outro está sempre presente. Dessa necessidade, decorrem dois aspectos vitais:

- a) Por um lado de sermos reconhecidos como sujeito único, singular e subjetivamente diferente de qualquer outro;
- b) De outro, existe em cada um de nós a necessidade de fazer parte de algum grupo, afiliação, clã, tribo, que nos garante o reconhecimento de nós mesmos como parte de algo maior, com o qual compartilhamos o segredo, o código e o inacessível ao estrangeiro.

Essas duas necessidades ou essas duas formas de reconhecimento de existência são intrínsecas ao homem e constituem grande motor para a sua ação. Entretanto, elas podem-se expressar de formas diferentes de acordo com os símbolos e valores próprios de cada cultura. (FREITAS, 2009, p. 293).

Então, a permanência desses sujeitos angolanos em Belo Horizonte, terminantemente, passa por essas influências culturais em função das idiossincrasias dos traços culturais brasileiros. A malandragem e o “jeitinho”, nesse caso, têm um valor social, como forma de auto-afirmação e construção da auto-referência e conseqüentemente a sua efetiva inserção na sociedade brasileira. Pois, “o desafio que a diversidade multicultural coloca é o de se construir condições favoráveis a sua expressão de forma equilibrada, colaborativa e complementar, sem prejuízo das necessidades psicológicas e emocionais que fazem parte de todo o ser humano” (FREITAS, 2009, p. 293).

**E3** – Um exemplo é das brincadeiras e piadas que os brasileiros gostam de fazer. Se você não for malandro, você sobra igual jiló na janta! Gozam-te o tempo todo. Tens que arrumar sempre um jeitinho para sair pela tangente dos caras.

Como finaliza DaMatta (1986, p. 105), “antes de ser um acidente ou mero aspecto da vida social brasileira, coisa sem conseqüência, a malandragem é um modo possível de ser. Algo muito sério, contendo suas regras, espaços e paradoxos”.



#### 4.2.5 Sensualismo e a ordem social

Ao discutir a questão do traço cultural, “sensualismo”, nesta parte, faz-se necessário revisitar alguns teóricos que discorrem ilações relacionadas à formação cultural e identitária brasileira, partindo da presença do colonizador português no Brasil durante a colonização.

Vimos que em Portugal a miscigenação esteve sempre em sua sociedade. Inúmeras famílias nobres absorveram sangue árabe ou mouro. Logo ao primeiro contato com esses invasores maometanos, as populações cristãs, não só nas classes populares como também nas elevadas, absorveram forte tendência à poligamia, o que levou a moral maometana a exercer grande influência sobre a moral cristã. (FREITAS, 1997, p. 44)

As mesmas misturas que ocorreram entre portugueses e os chamados bárbaros na Europa ocidental aconteceram também no Brasil nesse período colonial.

Entende-se que o processo de formação da sociedade brasileira marcada pelos encontros culturais de povos dos três continentes (África, Europa, e América). Esse encontro é que vai formar uma paisagem cultural bastante singular no tocante aos interesses dos dominadores e dos dominados de se reerguerem a todo o momento em face das leis coloniais perpetradas pela metrópole. Confundir para dominar. Isto é, os próprios portugueses que seriam os senhores dominadores, embora o sendo, deparavam-se com situações de várias ordens. Faltavam-lhes as mulheres brancas com quem pudessem se relacionar ao seu gosto. Viviam também de incertezas políticas e sociais que os fizessem donos do poder absoluto das capitânicas. Por sua vez os escravos índios e negros africanos, naturalmente, corriam em busca de soluções que os tirassem das agruras do sofrimento de dominação. Nesse emaranhado de acontecimentos entre ambas as partes, nasciam as mais diversas formas de relacionamento no âmbito social, econômico, político e jurídico. Era a famosa troca de favores, culminando também no surgimento do conhecido coronelismo.

Dessas nuances históricas, vão surgir, no bojo formativo da sociedade brasileira, os traços culturais acima elucidados neste estudo. No entanto, neste item, nos interessa apresentar as influências do sensualismo brasileiro nas práticas sociais do angolanos no seu cotidiano.

Como forma de se relacionar e dar força aos interesses sociais, o homem procura usar todas as forças e mecanismos de que dispõe para permanecer e atingir os seus objetivos. Dessa forma, os relacionamentos na sociedade brasileira têm sempre um aditivo singular. Percebe-se um pendor cordial e sensual nas conversações e negociações empresariais. Há uma necessidade de criar um relacionamento que se pareça mais familiar do que apenas comercial ou social. Os discursos nessas relações acabam por parecerem meros concertos amistosos em que todos saem do trato felizes e satisfeitos em fechar negócio. “No domínio da lingüística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração”(HOLANDA, 2006, p. 148).

**E1** – Claro. Na verdade eu tenho dito até para os africanos, nós também somos sensuais, mas, não somos que nem brasileiros. É porque a nossa sensualidade, ela está muito no fundo, não saiu ainda por conta de um fator histórico que só o tempo vai contar e cultural também. Agora eu incorporei sim, esse sensualismo brasileiro para falar com as pessoas, para tratar as pessoas porque o sensualismo brasileiro trata bem as pessoas, com respeito, é dizer desculpa, chamar as pessoas com um nome mais carinhoso. Quando eu vim de lá para cá eu nunca tinha dito para nenhuma mulher que eu amava, nós não tínhamos essa cultura de extrapolar no sensualismo. Hoje já sou um indivíduo diferente. Lembro até que o meu irmão fez um comentário sobre isso, que apesar do tempo que eu estava aqui ele tinha percebido que não tinha absorvido aquele sensualismo do brasileiro, de andar com a mulher abraçada, de dar uns beijos em qualquer lugar, em qualquer lugar que você estiver mesmo você tendo vontade, nós não fazemos isso porque temos um pouquinho mais de vergonha. nós temos sensualidade, mas não somos tão efusivos, somos mais contidos, ficamos mais na nossa. Mesmo porque na África, primeiro que nós africanos éramos povos oprimidos, então assim é um processo histórico mesmo. Não dá para você julgar, é histórico. Porque primeiro veio a escravatura, veio a colonização, a independência para o país mais antigo deve estar 50, 60, 70 anos por aí, ou cem que seja, então assim é pouco tempo para as pessoas se sentirem libertas e extraírem toda aquela sensualidade, todo aquele mais próximo, mas que eu incorporei, incorporei sim. Isso tem até me feito bem. E eu tenho falado para nossos compatriotas e pra alguns, que ainda não estão nesse espírito, que tem de ser assim. Que eles vão sair daqui transformados.

**E4** – É acabei incorporando, até mesmo por causa do jeitinho brasileiro. Por

parte de meninas, professores, tinha de ter um jeito sensual palpável para. Quanto ao professor também tem de ter outro jeito. Porque na verdade não se resume só na sensualidade. Uma questão de uma sensualidade de outro jeito precisa de um pontinho, precisa de uma ajudinha aí.

Percebe-se que os entrevistados acabam incorporando o sensualismo como forma de afirmação nas relações sociais na escola e nos momentos informais. Diferentemente das práticas culturais brasileiras, a cultura angolana se mostra mais rígida e fechada em termos de relacionamentos interpessoais. Mesmo havendo uma similaridade em termos de o colonizador ser o mesmo, a resistência à dominação e as conseqüentes revoltas dos angolanos e seus reis tradicionais, levaram à permanência de muitos traços culturais da tradição angolana no que tange aos arranjos organizacionais e administrativos, sociais e jurídicos.

**E2** – Incorporei. Mas incorporei pouco ainda. Não tenho ainda o jeito todo do brasileiro. O brasileiro é a pessoa que gruda muito. Na verdade eu ainda não consegui me adaptar. Falta um pouco ainda. Mas nas relações você é obrigado a fazer. Para conseguir alguma coisa e tal, com o próprio professor. Acabo fazendo isso. Acabo fazendo isso.

Interessa aqui observar que alguns dos sujeitos entrevistados não aceitam ou não percebem que incorporaram essas maneiras nas suas práticas sociais. Há uma assimilação que se dá no andar dos tempos e no processo de suas relações interpessoais. Isto é, há já um enraizamento desses traços de tal sorte que os mesmos não conseguem mais perceber tal influência.

**E2** – Não. Sinceramente acho que não. Porque eu acho que isso é algo que não tem muito a ver comigo, porque são completamente diferentes desse jeito que o brasileiro é. Porque isso não existe em Angola. Não existe em Angola. Eu nunca identifiquei isso na nossa sociedade, não. Você disse que só é com as mulheres, com as moças e tal. Só, tento me adaptar um pouco a esse jeito brasileiro.

**E2** – Eu visto as roupas que hoje tem, calça jeans e o resto, mas eu não procuro usar muitos decotes, esse tipo de coisa assim eu procuro preservar ainda. Eu acho que é influência de meu pai. Meu pai era pastor e ficava naquela é assim, assim, assim hunhum (tom de afirmação). Ninguém sai depois de mim. Primeiro todo mundo sai, depois eu saio. Era para ele fiscalizar, né?! Como é que a gente estava vestindo. Então um pouquinho disso eu ainda carrego. Eu ainda sou muito presa à cultura. Presa às raízes. Libero algumas coisas, mas as outras eu ainda tenho um tabu, uma resistência na mudança. O que eu acho que aqui não tem muito não. Aqui é mais liberal. Mulher pode namorar em casa, pode levar o namorado em casa, pode dormir em casa. Meus pais não concordam e eu também não concordo. Então tem alguns pontos que ainda tem uma certa resistência. Eu acho que é pela tradição.

É possível perceber também as disparidades culturais no âmbito da sensualidade feminina, quanto às vestimentas, ao se apresentar na rua e nos locais formais. As mulheres angolanas, embora vistas também como aquelas que devem ser promotoras de prazer, não são tão exaltadas e expostas como se percebe o Brasil. Já, na história do Brasil, “Podemos notar que a maioria das percepções acerca da mulher, nos mais variados períodos da história humana, é baseada na imagem que era produzida dela, essa imagem, na maioria das vezes, era fabricada pelo homem: padre, marido, pai” (APOLINÁRIO; SANTOS, 2008, p. 4).

“Foi na paisagem carioca, nas figuras das mulatas e dos pretos, nas imagens do samba, do carnaval, dos coqueiros, das flores e das frutas, dos peixes e dos pescadores, que Di Cavalcanti investiu seu destino de artista, denunciando, de maneira instintivamente rebelde e sensual, a alegria ou o sofrimento, o drama cotidiano, enfim, do povo carioca e da realidade brasileira” (PEIXOTO, 1985, p.33).

Parte-se da idéia de que a sensualidade no Brasil, em alguns pontos, passa a ter conotações diversas como:

- a sensualidade que no erigir de qualquer relação essa deverá terminar na cama;
- a sensualidade que no seu percurso relacional se fará mediante atos de cordialidade e afetos;
- a sensualidade como forma de estreitar as relações organizacionais, mediante o aperto de mão, abraços e olhares amenos e solenes que denotem cumplicidade.
- a sensualidade presente na figura da mulher está como um prato de comida, um *menu*. Ou seja, a mulher deve ser “comida”, pois apresenta um fim sexual que alimenta o homem e protege a própria mulher. “O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato de “comer”, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi comido) comido” (DAMATTA, 1986, 60). “Os quitutes preparados pelas fêmeas de cor escura reproduziam

reminiscências de velhos cultos fálicos ou totêmicos” (SANT’ANNA, citado por APOLINÁRIO; SANTOS, 2008, p. 4).

A sensualidade, nesse sentido, corrobora o reafirmar da igualdade hierárquica das relações de poder brasileiras.

“O sexo é o lugar da passagem por onde se estabelece a ‘cordialidade’ das relações eróticas e sociais” (SANT’ANNA, citado por APOLINÁRIO; SANTOS, 2008, p. 4)

A negra africana no Brasil através do limiar de Gilberto Freyre e de Affonso Romano de Sant’Anna nada mais é que uma espécie de fruto típico da terra onde a mesma está a mãos de qualquer homem que a cobice.

Em algumas representações literárias a afro-brasileira era considerada “mulherfruto” enquanto a branca possui atribuição de “mulher-flor”, ou seja, esses jogos de sentidos nada mais refletem do que a posição social que cada uma dessas mulheres possuía perante a sociedade. A mulher-fruta é aquela que aguça os códigos dos sentidos, pois a fruta exige uma proximidade, uma união entre tato, paladar, olfato, audição e visão; já a mulher-flor simboliza o jardim, o começo da casa, é aquela que decora as vistas, os salões; enquanto a preta fica na cozinha à mercê dos maridos das belas damas (APOLINÁRIO; SANTOS, 2008, p. 4).

Ainda nas palavras das mesmas autoras, “As relações de poder existentes na sociedade escravocrata, ‘os escravos’ eram peças valiosas, quase todos os castigos tinham um fim moralizante afim de que não repetissem os mesmos atos que desagradavam os seus senhores e colocavam em cheque o seu poder absoluto, a morte era algo esporádico, apenas se o delito cometido fosse irreparável e esse negro não tivesse conserto e instigasse os demais a agir da mesma forma; não podemos esquecer que também existiam relações cordiais e até amorosas entre escravos e senhores” (APOLINÁRIO; SANTOS, 2008, p. 2).

De acordo com as respostas dos entrevistados, ela (a sensualidade) se faz presente e necessária nas relações sociais brasileiras. Os meios de comunicação mostram essa herança ainda presente na sociedade brasileira.

**E4** – As novelas brasileiras são a vitrine do sensualismo. Por isso é que todo o mundo gosta de vir para o Brasil. Em Angola nós assistíamos à novela “sinhá Moça”. Em tudo que eles falam, tem sempre um pouco de malícia sensual. Às vezes não é uma malícia de maldade ruim. Eles gostam de colocar mel nas palavras que você passa a acreditar naquilo, mesmo que às vezes não possa ser real. Os brasileiros colocam um sentimento impressionante nas palavras em qualquer momento.

É de se notar que as cenas novelísticas da televisão brasileira rondam quase sempre em torno da exploração feminina em vários aspectos peculiares ao seu gênero.

“Deste modo, temos a figura da mulher deste período como uma “imagem fabricada”, tomando como base os paradigmas da Igreja, como sendo a maior responsável por essa ambigüidade da imagem da mulher: ora sendo representada, fabricada, como um ser imaculado nos moldes de Maria, mãe de Jesus, ora sendo comparada a Eva, “costela” de Adão que levou o homem à perdição, e que ainda o leva a cometer os mais terríveis, porém excitantes, pecados” (APOLINÁRIO; SANTOS, 2008, p.6).

“É inegável que o brasileiro utiliza o sensualismo e a proximidade das pessoas nas suas relações diárias, como forma de obter o que deseja com mais facilidade. É essa simpatia exacerbada que fornece ao povo alegria de viver, mas graça ao seu dia-a-dia, as suas conversas e suas relações interpessoais”. (BORJA, 2006, p. 6).

#### **4.2.6 Aventureiro e a Práxis do sonhador**

Diz-se, popularmente, que as pessoas muito empreendedoras não costumam ser muito organizadas. Ou melhor, não são disciplinadas, agem de acordo com o momento e a tendência do mercado. Tal concepção põe em causa a figura do aventureiro brasileiro como aquele que, na sua vida social e organizacional, não liga para as implicações das leis. Isto é, procura se esquivar dos comandos das leis impostas pelas instituições das quais ele precisa como forma de satisfazer as suas necessidades ao seu tempo e hora.

“A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver e dominar toda a sua personalidade, integrando-a, como peça consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de idéias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-os freqüentemente sem maiores dificuldades” (HOLANDA, 2006, p. 151).

Juliana Borja (2006, p. 6) corrobora a idéia de Freitas, dizendo que

existem dois estereótipos de sociedade: a trabalhadora foca seus esforços nos possíveis obstáculos e não no objetivo final, pois sabe que para ganhar a guerra

tem que vencer todas as batalhas. Acredita que apenas a disciplina e o esforço contínuo vão ajudá-lo a progredir nos seus projetos. E o aventureiro busca soluções mais fáceis para seus problemas. Não gosta de cumprir todas as etapas de um processo e gosta de resultados satisfatórios rápidos.

Mais adiante, a mesma autora reforça: “nosso conjunto de características e passado histórico nos obriga a acreditar que nosso perfil está mais voltado para o aventureiro, sempre buscando projetos fáceis de retorno rápido. Dispensamos o trabalho manual, que é associado à desqualificação social, retomando as lembranças do sistema escravocrata brasileiro, em que o trabalho manual era exclusivamente do escravo” (BORJA, 2006, p. 6).

Assim, diante dos dados recolhidos dos entrevistados, concluímos que há uma influência desse traço cultural, na medida em que esses sujeitos vão se constituindo na Universidade e nos diversos espaços sociais.

**E1** – Eu sou uma pessoa mais sonhadora. Eu tenho muitos sonhos, vários. Eu sonho com muitas coisas, muitas são realizadas outras, talvez eu não realize mesmo porque não sou eu que vou realizar, não depende de mim. Por exemplo, eu sonho com mundo melhor. Eu posso fazer alguma coisa, mas talvez não seja eu. Eu sonho com muitas coisas boas, eu sonho com um mundo de paz, agora Angola não é mais um sonho, a paz de Angola é uma realidade. Mas eu sonho com uma África totalmente com a paz. Calma, paz, sem aqueles problemas que estamos acostumados a ver na mídia, eu sou uma pessoa mais sonhadora. Eu gosto de sonhar porque sonhar não é pecado, não paga você não gasta nada, então eu sou mais sonhadora. Agora quanto à questão da disciplina tem muito mais a ver com a minha vida porque, porque solteiro, vivendo em república, você não é muito disciplinado porque se não tem hora para comer, não tem hora para chegar a casa. Quando não tenho hora para chegar a casa pode ser por questões acadêmicas, ou mesmo por questões extra-acadêmicas, então eu não sou uma pessoa disciplinada, mas eu acho que um dia serei, quando eu me formar com certeza, trabalhar seguir regras, então eu serei uma pessoa disciplinada, mas atualmente eu não sou. Mas não é porque eu não seja uma pessoa disciplinada, mas porque a vida que eu tenho não me permite que eu seja disciplinada.

**E3** – Um pouco dos dois. Sonhadora mais assim pelo lado ser humano, mais humano mesmo. Mas real mesmo da minha vida assim sou mais disciplinado mesmo, acredito mais que se você não seguir certas regras e parâmetros a tendência é só você se prejudicar em varias linhas mesmo. Disciplinada e sonhadora porque querendo ou não eu vim de um lugar que o sonho vale muito. Vale à pena sonhar. Só sei que aqui no Brasil é muito bom até o momento que estou aqui, gosto muito do Brasil. Infelizmente tem coisas que eu não me vejo adaptando para mim ou tentando adaptar para minha sociedade porque eu vejo que isso serve apenas para o Brasil. Tem coisas que querendo ou não, não servem para nós. Em Angola, eu vejo que seria um conflito cultural muito grande, muito prejudicial para a nossa sociedade. Mas aqui já faz parte da cultura dos brasileiros. Aqui o povo sonha muito e prometem muitas coisas. E com a linguagem deles gostosa acabamos por acreditar nos sonhos deles.

Essas respostas mostram semelhanças entre os dois povos. Embora esses sujeitos tenham uma percepção de alguns traços culturais brasileiros como sendo diferentes, é possível encontrar semelhanças. Primeiramente, ninguém, ou, poucos diriam que são indisciplinados ou pouco disciplinados. Mas as respostas mostram que há a presença desse traço de forma clara. Pois, à medida que vão se deparando com situações de diversa ordem, na Universidade e fora dela, são obrigados a criar jeitos de saída para tais situações. Isto é, criam mecanismos e discursos de esperança diante de situações que se pareçam penosas ou quase impossíveis, de acordo como as leis.

A força da lei é, pois, uma esperança. Para os destituídos, ela serve como alavanca para exprimir um futuro melhor (leis para nós e não contra nós), e para os poderosos serve como um instrumento para destruir o adversário político. Num caso e no outro, a lei raramente é vista como lei, isto é, regra imparcial. Legislar, assim, é mais básico do que fazer cumprir a lei. Mas, vejam o dilema, é precisamente porque confiamos tanto na força fria da lei como instrumento de mudança do mundo que dialeticamente, inventamos tantas leis e as tornamos inoperantes. Sendo assim, o sistema de relações pessoais que as regras pretendem enfraquecer ou destruir fica cada vez mais forte e vigoroso, de modo que temos, de fato, um sistema alimentando o outro (DAMATTA, 1997, p. 238).

Como diz o ditado “a oportunidade faz o ladrão”, essas pessoas, diante de sua capacidade moral, vivem sonhando com oportunidades que os façam sair das intempéries de ser estrangeiro. Sabendo que a lei não lhes permite ter atitudes proativas no sentido de trabalharem com todos os direitos trabalhistas, alguns angolanos acabam por enveredar pelo trabalho informal e são submetidos a constrangimentos identitários e sociais.

**E2** – Na verdade hoje me considero meio que sonhadora mesmo. Sonhadora. Porque hoje eu vejo o que está errado em Angola e sonho um dia se eu puder mudar alguma coisa em Angola nesse sentido. Mas também vi que se você é muito regrado, você fica com poucas alternativas da vida. Quando voltar pra Angola, eu sonho em acabar com a pobreza do povo angolano. Quero dar uma boa vida para os meus filhos.

Outro dado interessante apresentado pelo E4 é que, pelo fato de serem estudantes não bolsistas, são obrigados a ter atitudes que os promova rapidamente e tenham uma estabilidade mínima de sobrevivência que lhes possibilite estudar com mais facilidade e rapidez para voltarem rapidamente para os seus locais de origem.

**E4** – No meu ponto de vista me sinto de ambos os lados. Sendo disciplinado e



uma pessoa sonhadora. Até porque todos temos que sonhar, não tem jeito. Não tem outra forma. Então sou disciplinado e também sou uma pessoa muito sonhadora. Mas eu sou mais sonhadora. Quero chegar em Angola com um bom emprego e ter uma boa conta e constituir uma boa família.

Partimos da idéia de que os povos bantos na África eram originariamente aventureiros ou nômades. Isto é, andavam de lugar a lugar em busca de melhores condições de vida e de habitabilidade, penetrando nas savanas africanas onde pudessem alimentar o seu rebanho e desenvolver outras atividades. Porém, nesse processo, esses africanos no período pré-colonial (antes dos portugueses), estabeleciam-se por muito tempo em locais, desenvolvendo dinastias com normas e regras sociais e organizacionais instituídas.

É claro que, com a chegada dos colonizadores portugueses, esses traços aventureiros no cenário africano vão tomando, ao longo dos séculos, uma roupagem apoiada mais no imediatismo. Isto se dá em função da própria necessidade de auto-afirmar-se diante das intempéries provocadas pelos ditames da escravidão. O africano precisava sempre de encontrar mecanismos rápidos que lhe dessem liberdade e dignidade humana.

Nesse sentido, os angolanos expatriados para o Brasil, acabam experimentando essa forma de aventureiros em busca de melhores condições no âmbito formativo. Pois, para darem conta das relações brasileiras encontram muitos percalços, o que os faz correr contra o tempo e se formar logo para retornar rapidamente para o país de origem. Isso os faz serem inseqüentes, em alguns aspectos, pois são obrigados a fazer uso de mecanismos diversos que lhes facilite a vida no Brasil.

Todos se lembram que Sérgio utiliza a contraposição entre trabalho e aventura para pensar a experiência colonial. O aventureiro, diz o autor, é aquele que sonha com o fruto sem ter que plantar a árvore. Avesso a todo esforço metódico e à disciplina, parece um tipo apto para a conquista, mas nem tanto para a construção. Contudo, a colonização brasileira seria obra de aventureiros, mesmo a dimensão mais estável da sociedade colonial, a casa-grande patriarcal escravocrata teria sido resultado da aventura, pois representaria simplesmente o meio aqui encontrado para gerar riqueza, já que esta não podia ser simplesmente extraída ou conquistada. A própria agricultura, com suas queimadas, com o abandono das terras desgastadas, e sua substituição por novas terras, que seriam também exploradas até a exaustão, indicavam para o autor que esta atividade econômica seria orientada por aquele espírito da aventura. (CASTRO, 2002, p. 6)

Fazendo uma analogia com os povos caçadores e coletores e os povos lavradores, Sérgio Buarque de Holanda procura trazer à ribalta as questões de formação do povo brasileiro concernentes ao formato do colonizador português que vem de uma aversão ao trabalho manual (especialmente à vida do campo), concentrando-se no trabalho mais técnico que não necessite de muito esforço físico. Tal característica vem da necessidade de assemelhar-se aos árabes que, milenarmente, já tinham uma cultura sistemática voltada para os negócios de mercado mais sofisticados. Os caçadores apenas vivem da caça de animais selvagens e os outros da recolha sem plantar. Os lavradores são aqueles que vivem do cultivo e preparo da terra, criando consigo uma rotina disciplinada de acordo o tempo da cultura. Então, esses caçadores e coletores seriam a figura do aventureiro, pois o

seu ideal é colher o fruto sem plantar a árvore, seus esforços se dirigem a recompensas imediatas e fáceis. Vivem dos espaços ilimitados, estabelecendo projetos grandiosos sem se preocupar muito em como vão atingi-los. Já o povo lavrador, aqui encarnado na figura do trabalhador disciplinado, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. Por preocupar-se mais com os processos, com o meio, seus horizontes são mais limitados. Busca tirar máximo proveito do insignificante, por isso, não desperdiça nenhuma “migalha” dos recursos existentes. Por ser persistente, seus esforços são contínuos. Acredita que o trabalho disciplinado e sacrificado é o único caminho para se “progredir” na vida (FREITAS, 1997, p. 52).

Como já se afirmou anteriormente, os angolanos acabam assimilando esses traços de forma abasileirada, não significando que eles, no seu recôndito cultural angolano não tenham essa herança dos bantos e também, embora insignificante, dos ex-colonizadores portugueses. Afinal, a guerra que assolou Angola durante quarenta anos levou os angolanos a serem bastante aventureiros nas mais diversas formas de sobrevivência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que, ao longo de muitos anos, os angolanos e brasileiros foram ligados culturalmente pelo processo mercantilista europeu, as afinidades entre esses dois povos se firmam cada vez mais.

A língua portuguesa como língua comum entre os dois países tem levado muitos angolanos a migrarem para o Brasil em busca de formação acadêmica para retornarem aos locais regionais e gerirem as instituições com mais profissionalismo e técnica necessária.

Na busca de uma excelência contínua para as suas práticas de gestão, nas mais diversas esferas da sociedade, os angolanos encontram grandes possibilidades de formação no Brasil.

Dessa forma, para fazer face ao cenário mutável e ao crescimento econômico complexo, os angolanos têm buscado as mais variadas formações técnicas para atender às demandas das empresas locais e multinacionais que têm entrado no mercado angolano. Com o espírito aventureiro dos angolanos de desbravar outros países em busca de boa formação como o Brasil, as empresas em Angola têm aproveitado com entusiasmo as habilidades multiculturais adquiridas por esses sujeitos ao longo do tempo de formação.

Com este estudo constatamos que os angolanos expatriados depois de se formarem, quando retornam ao seu país, são muito bem aproveitados, pois carregam habilidades características dos traços brasileiros para as empresas. Portanto, são considerados bons gestores, pois apresentam resultados imediatos em vários aspectos na vida da empresa. Então, é de se esperar que esses executivos:

- apresentam uma capacidade de relacionamento muito cordial;
- apresentam uma capacidade cultural multifacetada;
- apresentam uma capacidade lingüística amena e maleável;
- têm uma capacidade de gestão criativa bastante apurada;
- têm bem desenvolvida a inteligência emocional funcional.

Ao terminar o estudo, a pesquisa constatou alguns problemas que podem servir para outras pesquisas do gênero. Pois, ao observar os efeitos da cultura brasileira que influenciam os angolanos nas suas experiências com o Brasil, percebemos que, ao retornarem para o seu país de origem, levam consigo alguns traços culturais brasileiros e, naturalmente, os colocam em prática nos seus locais de trabalho e nas práticas sociais.

Portanto, ao fazer este estudo, deparamo-nos com impossibilidades de conseguir o maior número de dados possíveis por parte dos angolanos em função das disponibilidades de cada um.

Outra dificuldade estava também na recusa de alguns angolanos, que, em função da guerra que terminou recentemente em Angola, muitos ainda têm um certo temor em exprimir seus anseios e idéias a respeito de qualquer coisa, mesmo sabendo que os nomes, neste trabalho não sejam reais.

Os angolanos foram habituados com uma certa rigidez, em função dos traços culturais tradicionais angolanos e marcados também pela formação marxista trazida<sup>3</sup> pelo Governo Unipartidário de Angola no período da guerra civil. Portanto, ao saírem de Angola para o Brasil, viram-se obrigados a mudarem as suas concepções administrativas e educacionais tendo que adotar posturas maleáveis para inserção no cenário cultural e organizacional brasileiro. Pois na história da guerra civil, os angolanos foram educados para serem obedientes e pouco questionadores sobre a

---

<sup>3</sup> Diz-se aqui “trazida” pelo fato de o grosso dos primeiros governantes angolanos terem sido formados na URSS – Antiga União das Repúblicas socialistas soviéticas. E a URSS, participou ativamente no processo de independência de Angola do jugo colonial português ocorrido em 1975.

situação em que se encontravam. As leis determinavam a conduta do cidadão de forma militar com penas severas para quem não estivesse de acordo com os mandos do governo central.

Lembramos ainda que o objetivo deste trabalho não se pautou pela intenção de denegrir a imagem formativa da cultura brasileira. Muito pelo contrário, procuramos discutir, do ponto de vista identitário, as nuances de ser expatriado num país como o Brasil que apresenta, em seu bojo, cultural, elementos culturais brasileiros que se aproximam dos angolanos. Nem se pensou em trazer idéias de xenofobia ou racismo entre os dois países.

Finalmente, o que se pretende com este trabalho é trazer à luz uma discussão sobre questões culturais entre países que incidem no campo das organizações como forma a dirimir os problemas culturais que surgem no âmbito da expatriação de executivos e na internacionalização de empresas neste tempo globalizado e competitivo.

Isto é, promover uma reflexão a respeito dos desafios que os angolanos vivenciam no cenário atual do seu país referente às novas demandas de gerir o país e as instituições empresariais.

Sabe-se pois, que esses angolanos logo que são apatriados, incrementam uma nova roupagem no cenário das organizações angolanas, o que tem trazido benefícios para Angola, uma vez que, como é sabido, o país viveu sob as agruras da guerra quase quatro décadas. Durante esse período o saber técnico de gestão das organizações ficou enfraquecido. Mas o cenário tende a mudar com esses novos quadros angolanos.

## REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte; SANTOS, Harriet Karolina Galdino dos. O arquétipo feminino negro nos trópicos da sensualidade: um olhar literário e historiográfico acerca das relações de poder no cotidiano brasileiro-colonizado. Mneme – **Revista de Humanidades**. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em <[www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais)> Acesso em 14/06/2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979. 223 p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**; tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 n. 1 (3), jan-jul. 2005, p. 68-80. Disponível em <[http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5)>. Acesso em 25/03/ 2009.

BORJA, Juliana. **A formação da cultura nacional e seus impactos na cultura das organizações do Brasil**. Disponível em <<http://www.frb.br/ciente/2006.1/ADM/ADM.BORJA.pdf>>. Acesso em 14/06/2009.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**: (coord) Pierre Bourdieu; com contribuições de A. Accardo. et. al. 7. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, coronelismo, clientelismo**: uma discussão conceitual. Dados. Rio de Janeiro, v. 40, n.2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0011-52581997000200003&ing=ptnrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0011-52581997000200003&ing=ptnrm=iso)>. Acesso em 29/12/2006.

CASTRO, Ronaldo Oliveira de. **A areia e a rocha**: Antonio Candido diante de duas tradições do pensamento social brasileiro. Disponível em <<http://www.sbsociologia.com.br/congresso / papers/GT. 2002>>. Acesso em 16/06/2009.

CHIAPPINI, Ligia. Multiculturalismo e Identidade Nacional. In: **Revista de Literatura Cult/46**. São Paulo, Jun. 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, 126 p.

DAMATTA. **A Casa e a Rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.137 p.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais**: uma introdução à história da África / org. Mary Del Priore, Renato Pinto Venâncio. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento; HOMEM, Ivana Dolejal. **Novas formas organizacionais e os desafios para os expatriados**. *RAE-eletrônica*, v. 5, n. 1, Art. 8, jan./jun. 2006.

DIAS, Reinaldo. **Fundamentos de sociologia geral**. 2.ed. rev. e atual. Campinas: Alíneas, 2003, 311 p.

FERREIRA, E. de Sousa. A Lógica da Consolidação da Economia de Mercado em Angola, 1930-1974. **Análise Social**, v.. XXI. 1º. n. 85, 1985. p. 83-110.

FLEURY, Maria Teresa Ieme. **Cultura e poder nas organizações**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

FRANCISCO, João Manuel Saveia Daniel. **Gestão e Cultura: Encontros e Desencontros em Negócios Internacionais**. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais . Belo Horizonte, 2002.

FREITAS, Alexandre B. **Traços brasileiros para uma análise organizacional**. In: PRESTES MOTTA, Fernando e CALDAS, Miguel P. (org.). *Cultura Organizacional e Cultura Brasileira*. São Paulo: Atlas, 1997. p. 38-54.

FREITAS, Maria Ester de. **Multiculturalismo e expatriação nas organizações**: A vida do executivo expatriado, a festa vestida de risco ou choro. In: DAVEL, Eduardo.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um

manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e científicos, 1989, 323 p.

GOULART, Iris Barbosa. **Temas de psicologia e administração** / Íris Barbosa Goulart(org). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

HOFSTEDE, G. **Cultures and organizations: software of the mind**. New York: McGraw-Hill, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

JOLLY, Allain. **Alteridade: Ser executivo no exterior**. In: CHANLAT, Jean-François (Coord). 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 83 -124.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LEVI-STRAUSS, Claude. A obra de Marcel Mauss. In Mauss Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974, 536 p.

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. **Purga em Angola**. 1<sup>a</sup> ed. Lisboa, Asa, 2007.

MOTTA, Fernando C. Prestes. **Cultura Brasileira**. O &S. v. 10. n. 26 – jan/abr, 2003.

MOTTA, Fernando C. Prestes. **Cultura organizacional e cultura brasileira**/ Fernando C. Prestes Motta, Miguel P. (orgs.). 1<sup>a</sup> ed. 4. Tiragem. São Paulo: Atlas, 1997.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. Múltiplas faces da identidade africana. África: **Revista do centro de Estudos Africanos - USP**, São Paulo, 18-19, p. 5-21, 1995/1996.



ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. **História da arte & literatura** In: Seis Décadas de Arte Moderna na Coleção Roberto Marinho. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1985. p.33-36

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**: a literatura de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

ROSA et al. Cultura organizacional e cultura brasileira revisitadas: uma atualização hermenêutica do dilema brasileiro. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. nº Especial IV EnEO - GESTÃO.Org v. 4, n. 3 nov./dez. 2006.

SANTOS, Daniel dos. Economia, Democracia e Justiça em Angola: O Efêmero e o Permanente. **Estudos afro-asiáticos**, vol.23, n.1. Rio de Janeiro: Jan-Jun 2001.

SCHIMIDT, João Pedro. **Condicionantes Culturais das Políticas Públicas no Brasil** In: Direitos Sociais e Políticas Públicas no Brasil. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2001.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança**: a África antes dos Portugueses. Alberto Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.

TEIXEIRA, Ângela Patrícia Gonçalves. **A cultura brasileira na erradicação do trabalho infanto-juvenil**: entrevistas com auditores fiscais e crianças trabalhadoras. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdade Novos Horizontes . Belo Horizonte, 2007.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia**: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 1999, 253 p.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007, 93.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. 3<sup>a</sup> Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2005. 212p.

## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista com os Estudantes Angolanos em BH

1. Qual a etnia angolana a que você pertence ou com a qual você se identifica?
2. Quais eram as informações que tinha a respeito do Brasil e quais foram as primeiras impressões que você teve ao chegar nesse país?
3. Qual a sua opinião sobre a rigidez hierárquica, a centralização do poder e a passividade dos indivíduos na base inferior da sociedade brasileira?
4. Qual a sua opinião sobre o informalismo (personalismo) prevalecer nas relações sociais no Brasil?
5. Qual a sua opinião sobre a afetividade nas relações sociais no Brasil?
6. Você considera a sociedade brasileira paternalista?
7. Você absorveu o jeitinho brasileiro na relação indivíduo e organização?
8. Você incorporou na sua conduta o sensualismo tão presente na sociedade brasileira?
9. Você é uma pessoa disciplinada ou mais sonhadora?